

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL
DOUTORADO EM LETRAS



Tese

**A FORMULAÇÃO DA ENTREVISTA CIENTÍFICA: UMA PROPOSTA BASEADA
NAS NOÇÕES BAKHTINIANAS DE ALTERIDADE E EXOTOPIA**

CÍCERO AUGUSTO KURZ LEMES

Pelotas, 2021

CÍCERO AUGUSTO KURZ LEMES

**A FORMULAÇÃO DA ENTREVISTA CIENTÍFICA: UMA PROPOSTA BASEADA
NAS NOÇÕES BAKHTINIANAS DE ALTERIDADE E EXOTOPIA**

Tese apresentada para defesa de doutorado ao Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL da Universidade Federal de Pelotas, como requisito final à obtenção do Título de Doutor em Letras em 24/02/2021.

Orientadora: Karina Giacomelli
Co-orientador: Adail Sobral

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

L551f Lemes, Cícero Augusto Kurz

A formulação da entrevista científica : uma proposta baseada nas noções bakhtinianas de alteridade e exotopia / Cícero Augusto Kurz Lemes ; Karina Giacomelli, orientadora ; Adail Sobral, coorientador. — Pelotas, 2021.

91 f.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Metodologia de pesquisa acadêmica. 2. Entrevista. 3. Pesquisador x pesquisado. 4. Teoria dialógica do discurso. 5. Alteridade e exotopia bakhtinianas. I. Giacomelli, Karina, orient. II. Sobral, Adail, coorient. III. Título.

CDD : 809

CÍCERO AUGUSTO KURZ LEMES

A FORMULAÇÃO DA ENTREVISTA CIENTÍFICA: UMA PROPOSTA BASEADA
NAS NOÇÕES BAKHTINIANAS DE ALTERIDADE E EXOTOPIA

Tese aprovada, como requisito final, para obtenção do grau de Doutor em Letras,
Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, Universidade Federal de Pelotas.

Tese defendida em: 24/02/2021.

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Karina Giacomelli (Orientadora)

Doutora em Letras - Universidade Federal de Pelotas - UFPel

Prof. Dr. Adail Sobral / Co-orientador

Doutor em Letras - Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Prof^a. Dr^a. Camila Lawson Scheifer

Doutora em Linguística Aplicada - Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Prof^a. Dr^a. Alessandra Avila Martins

Doutora em Letras - Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Prof^a. Dr^a. Lúcia Valquíria Souza Grigoletti

Doutora em Linguística Aplicada - Universidade Católica de Pelotas - UCPel

Prof^a. Dr^a. Christiane Heemann

Doutora em Linguística Aplicada - Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI

Agradecimentos

À minha esposa Mônica, grande incentivadora para que eu não desistisse desse meu sonho. Te amo mais que além...

Aos meus queridos filhos Manuela e Eduardo, pelo carinho e sorrisos nas horas mais cansativas. Papai ama vocês!

Aos meus pais, pela minha existência.

Aos meus amigos que ajudaram quando precisei “desligar” de tudo e respirar. Valeu gente!

À Prof^a. Dr^a. Maria da Glória Corrêa di Fanti, por ter me iniciado na pesquisa acadêmica durante minha graduação em Letras.

Ao meu orientador de mestrado Prof. Dr. Maurício Aires por ter acreditado no meu potencial como pesquisador na área da educação.

Aos meus queridos orientadores dessa tese, Prof^a. Dr^a. Karina Giacomelli e em especial, ao meu amigo Prof. Dr. Adail Sobral. Obrigado por toda paciência, espera, ajuda e orientação durante essa caminhada. Sem vocês nada disso teria acontecido.

As Prof^a. Dr^a. Camila Lawson Scheifer e Prof^a. Dr^a. Alessandra Avila Martins pelas considerações sobre essa tese, realizadas na minha qualificação de doutorado. Vocês me fizeram entender o real propósito do meu trabalho investigativo. Muito obrigado!

A todos os meus professores e colegas desde a graduação, passando pela especialização, mestrado e doutorado. Obrigado por acreditarem mais em mim do que eu mesmo.

A Deus, por ter me concedido o privilégio de construir uma família e realizar este grande desafio. Sempre nos abençoe e nos proteja de todo mal!

E a todos que de alguma maneira contribuíram para que eu conseguisse realizar mais essa etapa da minha vida. Obrigado por tudo.

Sempre!!!

RESUMO

KURZ, Cícero Augusto Lemes. **A formulação da entrevista científica: uma proposta baseada nas noções bakhtinianas de alteridade e exotopia.** 2021. 91f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

Por considerar as práticas linguageiras dispositivos de acesso a uma dada ordem de saberes e as situações de fala um espaço propício para a subjetivação, que, no caso das ações de investigação científica, pode permitir a revelação de especificidades dos envolvidos, enriquecendo a pesquisa, partimos das noções bakhtinianas de alteridade e exotopia para defender a proposição de que, na formulação das perguntas do roteiro do procedimento metodológico de entrevista, a consideração e o contato prévios com o contexto específico dos pesquisados (entrevistados) permite que o pesquisador (entrevistador), ao elaborar as perguntas do roteiro, reduza significativamente o direcionamento do discurso respondente dos pesquisados (entrevistados), respeitando devidamente seu estatuto de sujeitos, e não apenas de objetos de pesquisa. O processo considerou as características de atividade de pesquisa que utilizaram a entrevista como procedimento metodológico de captura e análise. A entrevista, neste sentido, é entendida como um dispositivo de produção de discurso, que permite condensar várias situações de enunciação ocorridas em momentos anteriores (ROCHA, DAHER, SANT'ANNA, 2004), fazendo emergir uma fala portadora de considerações relevantes não somente sobre o pesquisado como, principalmente, sobre a pesquisa. Foram operacionalizados conceitos sobre a atividade de pesquisa acadêmica, a entrevista em situação de investigação, a teoria dialógica do discurso (VOLOCHINOV, 2004), a alteridade e a exotopia bakhtinianas (BAKHTIN 1992), entoação avaliativa e responsividade ativa, tal como apresentadas por Sobral (2009), dentre outros. Considerações finais possibilitaram compreender como o pesquisador revela características da complexidade da atividade tanto de pesquisa quanto do próprio estatuto, no que se refere ao modo como foram elaboradas as perguntas do roteiro da entrevista, que será utilizado como procedimento para pesquisa científica. Portanto, essa tese não busca questionar o método de entrevista e sim, refletir sobre a possibilidade de torná-lo parte de um proceder alteritário e exotópico.

Palavras-Chave: Metodologia de pesquisa acadêmica; Entrevista; Pesquisador X Pesquisado; Teoria dialógica do discurso; Alteridade e exotopia bakhtinianas.

ABSTRACT

KURZ, Cícero Augusto Lemes. **The formulation of the scientific interview: a proposal based on Bakhtinian notions of otherness and exotopia.** 2021. 91f. Thesis (Doctorate in Letters) - Postgraduate Program in Letters - PPGL, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2021.

Considering language practices as a devices to accessing a given order of knowledge and speech situations, a conducive space for subjectivation, and revelation of specificities of scientific research practices, can allow the disclosure of specificities of those involved, enriching the research, we start bakhtinian notions of otherness and exotopia to defend the proposition that, in formulating the questions in the script of the methodological interview process, prior consideration and contact with the specific context of the respondents (interviewee) allows the researcher (interviewee), when elaborate the questions in the script, significantly reduce the direction of the respondent (interviewed) discourse, duly respecting their status as subjects, and not only as objects of research. The process considered the characteristics of research activity that used the interview as a methodological procedure of gathering and analysis. The interview, in this sense, is understood as a device of discourse production, which allows condensing various situations of enunciation that occurred in previous moments (ROCHA, DAHER, SANT'ANNA, 2004), giving rise to a speech with relevant considerations not only about the researched but also, and mainly, about the research. Concepts about academic research activity, the interview in an investigative situation, the dialogical discourse theory (VOLOCHINOV, 2004), bakhtinian otherness and exotopy (BAKHTIN 1979 and 1992), evaluative intonation and active responsiveness (SOBRAL, 2009) and the methodological process as an experience, among others, were operationalized. Final considerations made it possible to understand how the researcher reveals characteristics of the complexity of both the research activity and his own, regarding the way the questions in the interview script were elaborated, which will be used as a procedure for scientific research. Therefore, this thesis does not seek to question the interview method, but rather to reflect on the possibility of making it a part of this otherness and exotopic procedure.

Keywords: Academic research methodology; Interview; Researcher X Researched; Dialogical theory of discourse; Bakhtinians otherness and exotopy.

LISTA DE QUADROS E FLUXOGRAMA

Quadro 01 – Quadro de perguntas com a possibilidade de indução	59
Quadro 02 – Quadro de formulação da pergunta	60
Fluxograma 01 - Fluxograma do procedimento metodológico de entrevista sob uma abordagem alteritária e exotópica	71

LISTA DE ABREVIATURAS

ed.	edição
n.	número
org.	organizador
p.	página
reim.	reimpressão
trad.	tradução
v.	volume

LISTA DE SIGLAS

ADD	Análise Dialógica do Discurso
EMP	Ensino Médio Politécnico
HTML	Hypertext MarkupLanguage
HTTP	HyperText Transfer Protocol
UNIPAMPA	Universidade Federal do Pampa

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 Começo esta reflexão, trazendo que (...)	11
2. JUSTIFICATIVA	12
2.1 Esta minha inquietação (...)	12
3. OBJETIVO	14
3.1 A intenção geral se desenha (...)	14
4. A ENTREVISTA CIENTÍFICA	15
4.1 Pois então, (...)	15
4.2 (...) a entrevista e suas viabilidades na pesquisa qualitativa, (...)	19
4.3 (...) as diversas formas de entrevistas científicas e algumas vantagens e desvantagens (...)	24
4.4 (...) o uso da entrevista como procedimento metodológico de pesquisa científica (...)	31
4.5 (...) a entrevista enquanto dispositivo enunciativo.	37
5. O ROTEIRO DA ENTREVISTA	39
5.1 (...) o roteiro da entrevista científica.	39
5.2 Sobre o roteiro, conversando com Manzini (...)	41
6. ALTERIDADE, EXOTOPIA E CONCEPÇÃO DIALÓGICA BAKHTINIANA	42
6.1 Mas, e aí Bakhtin?! E a alteridade? Portanto, (...)	42
6.2 (...) a exotopia (...)	45
6.3 (...) concepção dialógica, e é agora (...)	46
7. A ENTREVISTA E O ROTEIRO: ALGUMAS POSSIBILIDADES	50
7.1 (...) roteirizo: com que propósito?, sobre que perspectiva? e para quem?	50
7.2 (...) entoação avaliativa e responsividade ativa (...)	54
7.3 (...) a formulação das perguntas do roteiro (...)	55

7.4 (...) indução em oposição à intencionalidade.	68
7.5 Assim sendo, a entrevista acadêmica em um processo alteritário e exotópico (...)	70
8. O PROCEDIMENTO DE ENTREVISTA NA VISÃO DA EXPERIÊNCIA	76
8.1 (...) a alteridade e a exotopia na pesquisa científica: uma experiência possível (...)	76
9. POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES	84
10. REFERENCIAL	86

1. INTRODUÇÃO

1.1. Começo esta reflexão, trazendo que (...)

(...) devido ao meu percurso como estudante e pesquisador, que teve seu início em 2005 quando ingressei no curso superior de ensino em Letras e desde então, participante de diversos encontros, fóruns de discussão, seminários de pesquisa, palestras, mesas redondas de debate etc., tanto no Brasil quanto em outros países, posso declarar que os debates e críticas em torno da pesquisa no Brasil constituem uma presença marcante dentro da comunidade científica brasileira, devido à maneira de como se vem obtendo e aplicando, na prática, os resultados. As (re)formulações e reestruturações filosóficas, conceituais e principalmente, metodológicas não acompanham a necessidade evolutiva de que a demanda científica-social necessita. Intensificam-se conferências, fóruns e eventos do gênero, nos quais a pauta sobre essa temática é colocada em perspectiva, buscando alternativas de melhor posicionar a investigação científica no Brasil. Vive-se, atualmente, um ciclo sem precedentes de transformações aceleradas em diversos campos sociais. A maior influência parece advir dos processos de mutação social, dos aspectos culturais e laborais que se apresentam.

E, portanto, para lidar com realidades continuamente mutantes, penso que a pesquisa científica precisa adaptar-se às novas diretrizes, e o caminho, para tanto, é a adequação e (re)formação de procedimentos metodológicos de análise. Esse posicionamento sobre os processos de investigação científica se agrava pela expressiva demanda de (re)formulações e adequações de que os próprios métodos necessitam, sejam em relação ao modo como a pesquisa é/foi instaurada em determinado espaço, sejam em relação aos contextos e concepções de representação e à aplicabilidade dos resultados. Aspectos que considero devido à gama de informações que adquiri e adquirei com as diversas perspectivas que me foram apresentadas, não só pelos eventos que participei, mas, principalmente, pelos conteúdos programáticos das disciplinas, as quais possuíam uma base teórica de leitura e estudo intensa e diversificada, que cursei desde a graduação até o doutorado.

Enfoques que me levam a refletir sobre às questões relativas ao trabalho de coleta de dados de pesquisa, que nessa perspectiva, apresentam-se como um campo fértil de observação a partir de diversos olhares. Por isso, desenvolver investigações que articulam linguagem e métodos de captura e análise de material

científico, o seu estatuto na revelação da complexidade da relação “eu-outro” e a necessidade de desenvolvimento de abordagens teórico-metodológicas para análise da linguagem em contextos definidos, torna-se necessária com intuito de ampliar o pensamento sobre a importância da metodologia utilizada e do resultado obtido de prática metodológica de análise, problematizando a atividade de trabalho do pesquisador frente ao material pesquisado, em situação específica de investigação.

Por esse motivo, a necessidade de se ponderar sobre (a) um método de coleta de dados, como a entrevista, que suscita a verbalização dos sujeitos envolvidos em um processo de investigação, via análise do discurso, buscando (re)formular parte desse processo metodológico: o roteiro de perguntas, baseando-se nos princípios teóricos bakhtinianos de alteridade e exotopia; e sobre (b) a constituição do pesquisador como profissional da atividade. Nesse contexto, o questionamento sobre uma parte da entrevista (as perguntas do roteiro) visa colaborar com a reflexão sobre este procedimento metodológico de análise, buscando conhecer sua complexidade para, então, criar possíveis reformulações e outros processos, que possibilitem novos redimensionamentos desta prática de investigação científica.

2. JUSTIFICATIVA

2.1 Esta minha inquietação (...)

(...) e a necessidade para tal iniciativa nasceram durante o meu Mestrado Profissional em Educação, realizado na Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, quando eu, pesquisador, utilizei o método da entrevista como processo para obtenção do material a ser analisado. Durante a elaboração metodológica da minha dissertação de mestrado, ao conciliar a teoria que ancorava a investigação, no caso teoria dialógica bakhtiniana, com a maneira de como obter e analisar o material coletado, percebi uma lacuna entre teoria / procedimento de coleta e teoria / procedimento de análise, o que me levou a buscar desenvolver um procedimento metodológico de entrevista e de análise diferenciado, denominado em um primeiro momento de Entrevista Dialogizada. Mas, como todo processo em desenvolvimento, esse passou a não ser mais considerado por entender que o problema não está no procedimento em si, mas em como esse recurso é utilizado nas pesquisas científicas.

Com o intuito de contextualizar pontualmente como se deu a minha resignificação do procedimento de entrevista, a partir desse momento trago

algumas considerações sobre a minha caminhada até aqui. O meu contato com a entrevista e todos os processos que a envolvem vem desde a minha graduação em Letras, na qual fui bolsista de Iniciação Científica, nos anos de 2004 / 2005, 2005 / 2006 e 2006 / 2007. Ali se deu o meu primeiro contato com esse procedimento metodológico, desde de como pensar um roteiro de entrevista até a transcrição e análise do material proveniente desse procedimento. As orientações seguiam um formato de trabalho já configurado pela responsável pelo projeto. A pesquisa tinha como foco a situação de trabalho do bancário e, logo após, foi feita uma outra investigação sobre o trabalho no camelódromo.

Depois de terminar a minha graduação, ingressei em uma pós-graduação a nível de especialização em Gestão Educacional, na qual desenvolvi um trabalho sobre o fazer docente no ambiente escolar; isto é, como se constituía esse profissional da educação. Mais uma vez utilizei a entrevista como procedimento metodológico de pesquisa, mas agora já como o pesquisador responsável pelo projeto.

Após, ingressei no mestrado em educação, e a investigação tinha como foco investigativo as práticas docentes e a implantação do Ensino Médio Politécnico (EMP). Como eu precisava de um procedimento que fizesse emergir um discurso revelador dessas atividades, mais uma vez optei por trabalhar com a entrevista e, no decorrer da pesquisa, comecei a questionar alguns conceitos e regras sobre esse procedimento. Assim, tentei desenvolver uma outra perspectiva de entrevista, denominada de Entrevista Dialogizada, a qual seria uma junção entre a entrevista estruturada e semiestruturada, por acreditar que o formato utilizado não contemplava o que pretendia descobrir. Mesmo assim, quanto mais estudava e entendia os conceitos de alteridade (se colocar no lugar do outro, em relação ao outro) e exotopia (distanciamento entre pesquisador e o objeto de pesquisa), mais perceptível era que isto não se configurava ao utilizar a entrevista como procedimento metodológico de pesquisa, visto que a formulação das perguntas, o dito roteiro, já partia de um certo ou prévio entendimento que eu possuía sobre o objeto pesquisado. Partindo dessa inquietação que nasceu o projeto de tese, ou seja, essa investigação que estou desenvolvendo é resultado do processo investigativo da minha dissertação de mestrado. Daí surge, então, essa tese de doutorado.

3. OBJETIVO

3.1 A intenção geral se desenha (...)

(...) pressupondo que um processo de investigação busca interferir em um ambiente que apresenta uma problematização e que isto implica em uma análise, esta tese procura refletir sobre um momento anterior ao da entrevista científica, o momento da preparação da entrevista: o roteiro, por se tratar de um procedimento que produzirá material científico.

Portanto, por considerar as práticas linguageiras dispositivos de acesso a uma dada ordem de saberes e as situações de fala um espaço propício para a subjetivação, que, no caso das ações de investigação científica, pode permitir a revelação de especificidades dos envolvidos, enriquecendo a pesquisa, partimos das noções bakhtinianas de alteridade e exotopia para defender a proposição de que, na formulação das perguntas do roteiro do procedimento metodológico de entrevista, a consideração e o contato prévios com o contexto específico dos pesquisados (entrevistados) permite que o pesquisador (entrevistador), ao elaborar as perguntas do roteiro, reduza significativamente o direcionamento do discurso respondente dos pesquisados (entrevistados), respeitando devidamente seu estatuto de sujeitos, e não apenas de objetos de pesquisa.

Tal objetivação geral se desdobra nas seguintes especificidades:

(a) desenvolver uma análise, voltada para descrição e interpretação de uma pergunta de roteiro da entrevista, procurando observar a construção de sentidos sobre o trabalho do pesquisador, no que tange os conceitos de alteridade e exotopia;

(b) ponderar sobre os conceitos de indução e intencionalidade, buscando subsídios para fundamentar as análises de práticas discursivas em contexto específico;

(c) aprofundar procedimentos teórico-metodológicos adotados na análise das práticas de linguagem provenientes da entrevista, em contextos de trabalho de pesquisa científica;

(d) instigar o pesquisador a experienciar o método de pesquisa científica.

4. A ENTREVISTA CIENTÍFICA

4.1 Pois então, (...)

(...) como esse trabalho procura discursar sobre um procedimento metodológico utilizado em pesquisas científicas, cabe nesse momento elucidar que essa tese, primeiramente, irá se deter a procurar situar a entrevista dentro de uma concepção de ciência, de modo mais amplo, e após, localizar dentro de uma tradição investigativa: a pesquisa de fundo qualitativo. Depois, passarei a discorrer sobre a tipificação entre as categorias já existentes de entrevista (estruturada (formalizada), semiestruturada, aberta, dentre outras), com intuito de buscar entender como esses modelos se constituem no/como procedimento metodológico, visto que a elaboração do roteiro segue um mesmo critério para os diversos tipos de entrevista, roteiro esse que pode ser materializado ou não. Porém, caso não seja, uma mínima sistematização ou organização de ideias sobre o que perguntar sempre há de acontecer, o que não deixa de configurar uma espécie de roteirização, conforme exposto no capítulo 05. Em seguida, passo a discorrer sobre a entrevista como procedimento metodológico de pesquisa científica e depois, sobre a entrevista enquanto dispositivo enunciativo e por fim, focalizo na questão do roteiro, ou melhor busco uma reflexão sobre a formulação das perguntas, visto que o foco investigativo dessa tese é o momento de elaboração da entrevista: o roteiro, que será utilizado para fins científicos.

Como já especificado, início minha reflexão tecendo algumas considerações sobre o livro “A Estrutura das Revoluções Científicas”, de Thomas Samuel Kuhn, que juntamente com diversos outros estudiosos, partilha do entendimento de que não há, em se tratando da história da ciência, um seguimento linear e sim, aspectos descontínuos que são representados ao longo do percurso, ou seja, por estarem situados dentro da história das instituições sociais e políticas, esse progresso caracteriza-se por rupturas do/no desenvolvimento do conhecimento científico e não pela acumulação de dados e de observações, de paradigmas científicos. Kuhn esquematiza o desenvolvimento científico dentro da concepção da teoria da história de Karl Marx, ou como denomina: a teoria da sucessão "descontínua"¹ dos modos

¹ (...) as questões sobre os modos de produção não se distanciam da crítica positivista: Lá onde cessa a especulação, na vida real, começa assim a ciência real, positiva, a apresentação do processo prático do desenvolvimento dos homens. Cessam as frases sobre a consciência e o saber real toma o lugar delas. Com a apresentação da realidade efetiva, as relações de poder se firmam em meio da existência. No conjunto, haverá no máximo um resumo dos resultados gerais que se pode abstrair da

de produção e das revoluções sociais, a qual o autor considera ter sofrido um ajuste para que fosse contemplada dentro da história da ciência.

Partindo desse prisma, as concepções positivista² e neopositivista³ da ciência, assim como tudo que delas provém, incluindo o que é descrito por Karl Popper sobre o racionalismo crítico⁴, são completamente expostas e desacreditadas, e, se utilizando do recurso à sociologia do conhecimento⁵, oriundo dos entendimentos de Max Scheler, Karl Mannheim e Robert K. Merton, Kuhn tende a reconduzir a ciência àquilo que é, ou seja, um empreendimento humano coletivizado, pertencente a uma dada atividade social, transformando a filosofia do conhecimento em sociologia da ciência. Tal concepção científica deixa de lado o entendimento de que segundo a qual toda ciência é necessariamente verdadeira e todo o conhecimento verdadeiro é necessariamente científico: o cientismo, e passa a levar em conta um princípio mais amplo, o social e não só o científico.

Mesmo assim, tende-se a designar um paradigma científico com um padrão teórico atestado, que seja aceito em concordância pela comunidade científica e que possa garantir a existência de uma solução estável e segura de determinados

consideração do desenvolvimento dos homens. Separados da história efetiva, essas abstrações não têm por si nenhum valor. Elas só podem servir para facilitar a ordenação do material histórico, para indicar a série das suas estratificações individuais. (MARX; ENGELS, 2002, p. 124)

² Este modelo comtiano, que se caracteriza por idealizar uma realidade, ou melhor, uma concepção de mundo determinista, configurado em coordenadas cartesianas de um sistema perfeito e harmônico, sem imprecisões e inutilidades, foi o adotado para a produção do conhecimento científico no mundo ocidental. (MARGUTTI, 2006, P. 125)

³ Segundo Margutti (2006), o Neopositivismo ou Positivismo lógico, relaciona-se à um período da ciência no qual o princípio da verificação, conhecido, também, como o critério de verificabilidade do significado, afirmava que apenas as declarações verificáveis por meio da observação direta ou da prova lógica são significativas.

⁴ A filosofia de Karl Popper - o racionalismo crítico - é apresentada como todo o conhecimento é falível e corrigível, virtualmente provisório. O conhecimento científico é criado, construído e não descoberto em conjuntos de dados empíricos. A refutabilidade demarca a ciência da não-ciência e a atitude de colocar sob crítica toda e qualquer teoria permite o aprimoramento do conhecimento científico. (POOPER, 1985, p. 26)

⁵ Essa tendência aponta no sentido de um abandono crescente do ponto de vista normativo, preocupado com a justificação do conhecimento humano com base em critérios universais de cientificidade, em favor de abordagens empíricas, ancoradas nas contribuições das ciências particulares e voltadas, prioritariamente, para a explicação causal e/ ou funcional desse conhecimento. Nessa perspectiva, a epistemologia assume o status de uma disciplina empírica e já não se distingue essencialmente das ciências empíricas particulares. Essa mudança de assunto, essa preocupação em fazer da epistemologia um empreendimento empírico e não mais normativo, representa uma das principais contribuições da obra de Thomas Kuhn, cujo impacto foi, vale a pena lembrar, enorme no âmbito da Sociologia do Conhecimento mais recente. (GUSMÃO, 2011, p. 221)

problemas, resolução essa que é partilhada durante um período de tempo por todos os membros de uma determinada comunidade científica.

O paradigma dominante numa determinada ciência está geralmente exposto nos manuais de texto, pelos quais os mais jovens são iniciados ou socializados nessa área do conhecimento: um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade científica partilham e, inversamente, uma comunidade científica é formada por homens que partilham um paradigma. (KUHN, 1998, p. 221).

Este conceito de paradigma está relacionado a um outro conceito, o da ciência normal, determinado pela atividade da comunidade científica, que consiste em procurar soluções possíveis à luz de um paradigma dominante. O autor considera a atividade da ciência normal, uma atividade rotineira e reacionária, isto é, contra a qualquer tipo de elemento ou situação que fuja ao que está posto ou proposto. O paradigma dominante é que garante as soluções estáveis para a resolução dos problemas que se apresentam. Segundo Kuhn (1998, p. 224), “um paradigma governa, em primeiro lugar, não um objeto de estudo, mas um grupo de praticantes da ciência.” Caso esse paradigma não possua essa característica, o que pode acontecer, esse problema não resolvido pelo paradigma não o leva imediatamente à crise, tendendo a ser ignorado até que outros problemas e/ou contratempos apareçam e suscitem dúvida ou mesmo um sentimento de crise na comunidade científica. Kuhn determina esses problemas e/ou contratempos de “anomalias”, e caso haja um acúmulo de “anomalias”, ou seja, uma combinação de vários problemas que o paradigma dominante não garantiu uma possível resolução, essa situação acaba originando a crise desse paradigma.

O autor determina que a crise do paradigma não configura uma crise na ciência, e sim, apenas demonstra que o diagnóstico das anomalias que não correspondeu ao esperado com um resultado satisfatório, se torna incapaz de fornecer um lugar sustentável e corroborado por outros cientistas.

Durante o período em que o paradigma é confrontado com problemas que não consegue resolver, alguns cientistas, sobretudo os mais jovens, que, por estarem menos familiarizados com os manuais de texto, não têm nada a perder com uma mudança de paradigmas, dedicam-se intensamente à tarefa de solucionar essas anomalias ou mesmo à procura de novos paradigmas alternativos. (KUHN, 1998, p. 234).

Nessa busca por novos paradigmas revela-se uma substituição da ciência normal pela ciência que transforma, que revoluciona, fazendo emergir durante essa troca diversos paradigmas contrários ao dominante, impondo à comunidade científica a tarefa de escolher um em detrimento dos outros. Portanto, Kuhn (1998, p. 235) demonstra que para haver essa transformação, vários critérios de seleção são necessários, porém é preciso observar o impacto da natureza e da lógica como "as técnicas de argumentação persuasiva que são eficazes no interior dos grupos muito especiais que constituem a comunidade dos cientistas". O paradigma selecionado a substituir o paradigma dominante, além de tudo, deve ser capaz de, principalmente, resolver os problemas que conduziram o paradigma anterior à crise, garantido a resolução dos conflitos que já eram resolvidos pelo paradigma primeiro, dentre outros critérios. Isso significa que o novo candidato a paradigma precisa demonstrar a sua equiparidade com o paradigma anterior, sua solidez na obtenção dos resultados e ser partilhado pela comunidade científica por meio de relatos, artigos etc. para então conquistar seu lugar. Deste modo, cada vez mais cientistas adeptos a esse novo paradigma validam essa nova concepção, e vão adotando a nova maneira de praticar a ciência normal. Kuhn (1998, p. 235-236) determina revoluções científicas a esses "episódios de desenvolvimento não-cumulativo, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo (paradigma), incompatível com o anterior". A mudança de paradigmas constitui ou implica uma conversão, porque os proponentes de paradigmas contrários "praticam os seus ofícios em mundos diferentes".

Por exercerem a sua profissão em mundos diferentes, os dois grupos de cientistas vêem coisas diferentes quando olham de um mesmo ponto para a mesma direcção. Isto não significa que possam ver o que lhes aprouver. Ambos olham para o mundo e o que olham não mudou. Mas em algumas áreas vêem coisas diferentes, que são visualizadas mantendo relações diferentes entre si. (KUHN, 1998, p. 236)

Portanto, essa transformação de paradigmas faz com que os cientistas posicionem o olhar para um outro mundo, dotado de novos entendimentos, perspectivas e áreas de experiência determinadas por esse novo paradigma que se apresenta. Pensando nessa perspectiva levantada por Kuhn, traço um paralelo entre as concepções levantadas pelo autor no que se refere à revolução da ciência e o procedimento metodológico de entrevista, que se apresenta como um espaço propício para quebra de determinados paradigmas por apresentar uma perspectiva

sistematizada, uniformizada, suscetível de comprovação científica, mas que mesmo dotada de questionamentos que condensa especificidades normatizadas, essas são passíveis de renormalizações, isto é, ao mesmo tempo que se filiam a aspectos da ciência normal (método positivista de verificação), proporcionam uma mudança de posição situacional frente ao material a ser investigado, devido à variabilidade de tipos de entrevista científica.

Uma teoria da ciência que define modelos e elementos estruturais para todas as actividades científicas e os legitima por referência à «Razão» ou à «Racionalidade» é susceptível de impressionar os leigos, mas afigura-se um instrumento excessivamente grosseiro aos que estão por dentro das coisas, ou seja, para os cientistas que se confrontam com um problema de investigação concreto. (KUHN, 1998, p. 252)

Desta forma, ao exteriorizar que a teoria do desenvolvimento científico de Kuhn se distancia do racionalismo crítico de Popper, sobretudo quando fala da invisibilidade das revoluções científicas, entende-se que ao mesmo tempo que apreende a nova organização social da ciência, demonstra a versatilidade possível dentro da investigação científica. Nesse sentido, a ciência e os procedimentos metodológicos provenientes precisam ser vislumbrados como uma pluralidade de possibilidades e não como a única via que leva à verdade e à realidade, crenças pautadas em uma tradição científica histórica.

Em vista do que foi considerado sobre a questão da ciência e suas particularidades: histórica, conceitual e revolucionária, passo a desenvolver uma parte da tese que procura situar a entrevista dentro de uma tradição de pesquisa: (...)

4.2 (...) a entrevista e suas viabilidades na pesquisa qualitativa, (...)

(...) por esta apresentar situações e conflitos que nos demonstram a necessidade de refletir sobre esse procedimento metodológico. Nesse sentido, assim como a perspectiva científica revolucionária de Thomas Kuhn, a pesquisa qualitativa, por um período de tempo, passou a ser considerada uma modalidade desacreditada pela ciência por não apresentar padrões de objetividade, rigor e controle científico, já que não possuía teste adequados de validade e fidedignidade assim como não produzia generalizações que visassem a construção de um conjunto de leis do comportamento humano, como relata Miriam Goldenberg (1997), em seu livro “A arte de pesquisar” . A autora ainda tece uma outra crítica que diz

respeito à falta de regras de procedimento rigorosas para guiar as atividades de coleta de dados, o que pode dar margem para que o “bias”⁶ do pesquisador venha a modelar os dados que coleta, que, portanto, esses não poderiam ser usados como evidência científica.

Ela articula conceitos de cientistas sociais como Max Weber, Pierre Bourdieu, dentre outros, que consideram ser fundamental que todos os passos da pesquisa sejam revelados para que se evite o “bias” do pesquisador. Esses autores, recusam a suposta neutralidade do pesquisador tanto na pesquisa qualitativa quanto na quantitativa e propõem que o pesquisador tenha consciência da interferência de seus valores na seleção e no encaminhamento do problema a ser investigado. “A tarefa do pesquisador é reconhecer o “bias” para poder prevenir sua interferência nas conclusões.” (Goldenberg, 1997, p. 45) Ou seja, segundo o que ela relata, não existe outra forma para excluir o “bias” nas ciências e, principalmente nas sociais, do que enfrentar os conflitos que se apresentam considerando que esses acontecimentos devam ser reconhecidos e explicitados no momento de expor os resultados da pesquisa.

Não podendo ser realizada a objetividade nas pesquisas sociais, e o conhecimento objetivo e fidedigno permanecendo como o ideal da ciência, o pesquisador deve buscar o que Pierre Bourdieu chama de *objetivação*: o esforço controlado de conter a subjetividade. Trata-se de um esforço porque não é possível realizá-lo plenamente, mas é essencial conservar-se esta meta, para não fazer do objeto construído um objeto inventado. A simples escolha de um objeto já significa um julgamento de valor na medida em que ele é privilegiado como mais significativo entre tantos outros sujeitos à pesquisa. O contexto da pesquisa, a orientação teórica, o momento sócio-histórico, a personalidade do pesquisador, o *ethos* do pesquisado, influenciam o resultado da pesquisa. Quanto mais o pesquisador tem consciência de suas preferências pessoais mais é capaz de evitar o *bias*, muito mais do que aquele que trabalha com a ilusão de ser orientado apenas por considerações científicas. (GOLDENBERG, 1997, p. 45 (grifos da autora))

Assim sendo, o pesquisador precisa tomar conta de uma consciência que é sua e de seus propósitos que estão envolvidos na escolha dos problemas a serem analisados e, por esse motivo, devem ser desvelados, quando se pretende uma

⁶ Segundo Goldenberg (1997, p. 44), a utilização do termo em inglês é comum entre os cientistas sociais. Pode ser traduzido como viés, parcialidade, preconceito.

objetividade absoluta ou quando se acredita ter alcançado dados objetivados. É, nesse sentido, que a investigação qualitativa, parte do entendimento de que o investigador deve comporta-se como alguém que apresenta uma despretensão frente à pesquisa e dos trâmites relacionados a ela, do que aquele que a pensa dentro de uma concepção sistemática. Enquanto que a investigação quantitativa utiliza dados de natureza quantificada que lhe permitem verificar e comprovar as relações que se estabelecem entre as possíveis variáveis, a investigação qualitativa utiliza-se de metodologias que possam criar dados descritivos (transcrições, relatos etc.), como a entrevista, por exemplo, que lhe permitirá observar o modo de pensar dos participantes em uma investigação.

Portanto, a investigação qualitativa possui no seu cerne, segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 49-51), cinco especificidades e entendimentos que podem orientar o modo de como o pesquisador pode situar a entrevista dentro desse aspecto qualitativo. O primeiro se refere ao ambiente social, a fonte direta dos dados e o pesquisador é o principal responsável pelo levantamento desses dados; o segundo aspecto faz relação aos dados que são recolhidos pelo pesquisador e que devem ser, essencialmente, de carácter descritivo; o terceiro relata que os pesquisadores, que se utilizam dessa metodologia qualitativa, tendem a se interessar mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados; o quarto mostra que a captura dos dados deve ser feita de forma indutiva; e o quinto atribui as experiências vivenciadas pelo pesquisado o ponto de interesse do pesquisador, por tentar compreender o significado dessa experimentação.

Essa caracterização de Bogdan e Biklen (1994) se aproxima de outras considerações que um outro autor traz, no livro “Métodos de pesquisa em ciências sociais” (1993), tanto sobre a pesquisa quantitativa, e principalmente, sobre a pesquisa qualitativa. Howard Becker é considerado um dos cientistas sociais que, segundo relatado no livro, mais tem se preocupado em refletir sobre a questão da objetividade nas ciências sociais e também na utilização do procedimento metodológico de pesquisa: a entrevista. Esse autor declara que para contrapor a suposta neutralidade dos “surveys”⁷, um problema que se apresenta bastante frequente, segundo ele, é dos entrevistadores que “induzem ou falsificam seus dados” com “respostas imaginárias” para entrevistas que nunca foram realizadas

⁷ Segundo Becker (1993), entende-se por surveys um tipo de pesquisa com fundo na investigação quantitativa, que se utiliza de opiniões de um grupo de indivíduos para coletar dados e informações a partir de características objetivadas, dentro de uma perspectiva positivista de ciência.

(BECKER, 1993, p. 34). Por esse entendimento levantado por Becker, pode-se perceber que se o pesquisador, nesse sentido, é capaz de influenciar os dados coletados em pesquisas quantitativas, que pressupõem uma objetivação e exatidão dos/nos resultados, o que poderá acontecer quando as pesquisas forem qualitativas, nas quais o pesquisador pode ter um número maior de oportunidades de escolher apenas as evidências que lhe são convenientes?

Respondendo a essa pergunta, Becker relata que o entrevistado de um modelo “survey” (quantitativo) é questionado por um entrevistador desconhecido, sem que tivesse ocorrido nenhum tipo de contato anterior a entrevista, ou seja, é somente no momento da entrevista que poderá acontecer o processo de interação entre entrevistador e entrevistado, momento o qual não se repetirá posteriormente, acreditando que a única pressão surgirá na situação imediata da entrevista, e por isso, esta pressão poderá ter uma probabilidade de exercer um efeito previsível sobre o que o entrevistado diz. Já o entrevistado de um pesquisador qualitativo, em geral, é observado de diferentes maneiras, em momentos oportunos ou durante um longo período de tempo, isto é, o contato se dá com maior frequência e/ou intensidade, o que torna a interação pesquisador/pesquisado mais amena e menos constrangedora. Portanto, segundo Becker, a pesquisa qualitativa, por meio da observação participante filiada ao procedimento metodológico de entrevista, pode combater esse possível aspecto intervencionista, mas não o neutraliza, porque impossibilita para o pesquisado a produção de dados que fundamentem, de modo uniforme, uma conclusão equivocada, e dificulta para o pesquisador restringir suas observações de maneira a ver apenas o que sustenta seus objetivos e expectativas.

(...) as técnicas de pesquisa qualitativa permitem um maior controle do *bias* do pesquisador do que as da pesquisa quantitativa. Por meio, por exemplo, da observação participante, por um longo período de tempo, o pesquisador coleta os dados através da sua participação na vida cotidiana do grupo ou da organização que estuda, observa as pessoas para ver como se comportam, conversa para descobrir as interpretações que têm sobre as situações que observou, podendo comparar e interpretar as respostas dadas em diferentes situações. Ele terá dificuldade de ignorar as informações que contrariam suas hipóteses, do mesmo modo que as pessoas que estuda teriam dificuldade de manipular, o tempo todo, impressões que podem afetar sua avaliação da situação. Observações numerosas feitas durante um longo período de tempo ajudam o pesquisador

a se proteger contra seu *bias*, consciente ou inconsciente, contra "ver apenas o que quer ver". (BECKER, 1993, p. 53 (grifos do autor)).

O autor ainda discorre sobre a questão do "bias" do pesquisador ao tratar do que ele chama de "hierarquia de credibilidade" dos informantes da pesquisa qualitativa. Relata que os entrevistados são os pertencentes aos níveis superiores de uma organização, os que parecem "saber mais" sobre o problema estudado, do que aqueles que estão nos níveis subordinados, instaurando relações de poder entre os entrevistados: a "hierarquia de credibilidade". Outro possível "bias", decorre do fato da pesquisa se restringir aos membros ou instituições que autorizaram instaurar a pesquisa no espaço determinado, não considerando os espaços que se recusaram a participar da investigação. Becker, nesse sentido, enfatiza a urgência em tornar visíveis os resultados desfavoráveis da pesquisa, de relatar e descrever as dificuldades, as fragilidades realizadas pelo pesquisador desde o início da trajetória investigativa até a conclusão dos resultados de sua pesquisa. Em geral, como declara o autor, os pesquisadores "escondem" as suas dificuldades em seus relatórios de pesquisa, preferindo mostrar apenas "o que deu certo".

Diferentemente dos dados estatísticos, que podem ser resumidos em tabelas, os dados da pesquisa qualitativa não se prestam a tal resumo. Um dos problemas da pesquisa qualitativa é que os pesquisadores geralmente não apresentam os processos através dos quais suas conclusões foram alcançadas. O pesquisador deve tornar essas operações claras para aqueles que não participaram da pesquisa, através de uma descrição explícita e sistemática de todos os passos do processo, desde a seleção e definição dos problemas até os resultados finais pelos quais as conclusões foram alcançadas e fundamentadas. (BECKER, 1993, p. 58).

Na discussão sobre a materialidade dos dados coletados provenientes de uma pesquisa qualitativa está atrelada a possibilidade ou não de uma generalização por parte dos resultados obtidos, a partir do processo científico que se estabelece como paradigma. Nessa abordagem que privilegia a compreensão do significado dos atos enunciativos provenientes da interação entre pesquisador (entrevistador) e pesquisado (entrevistado), a questão da materialidade dos dados é vista como um contraponto ao modo positivista.

Partindo do princípio de que o ato enunciativo está ligado ao universo social humano, os enfoques qualitativos não se preocupam em fixar regras sistematizadas

para se produzir determinadas considerações sobre o objeto estudado e sim, buscam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social, a interação entre pesquisado e pesquisador, contrapondo-se, assim, à incapacidade da estatística (pesquisa quantitativa) de dar conta dos fenômenos complexos e da especificidade dos atos que não podem ser identificados por meio de questionamentos convencionados.

Sendo assim, seja qual for o método (qualitativo ou quantitativo) utilizado pelo pesquisador na utilização da entrevista como procedimento metodológico, o que irá dirigir sua atenção, apenas, para certos aspectos dos fenômenos, será os que parecem importantes tanto para a conclusão dos objetivos da pesquisa quanto para o pesquisador em função de suas intencionalidades. A escolha pelo objeto de estudo, tipo de método e procedimento metodológico é uma construção do próprio pesquisador, definida em termos do que parece ser mais produtivo para responder e sustentar o problema de pesquisa, ou seja, o pesquisador acaba se concentrando em alguns pontos específicos que lhe parecem de maior relevância para os resultados da pesquisa. Nesse sentido, a observação de aspectos variados, sob enfoques diferentes, apresenta uma pluralidade de possibilidades que pode propiciar um entendimento mais profundo do problema estudado. Portanto, faz-se necessário um entendimento mais aprofundado sobre (...)

4.3 (...) as diversas formas de entrevistas científicas e algumas vantagens e desvantagens (...)

(...) em se tratando de um procedimento metodológico que pode ser escolhido para auxiliar o pesquisador nos trâmites relacionados à pesquisa.

Por esse ângulo, conforme estudos realizados sobre procedimentos de pesquisa científica tanto por Triviños (1987), em “Introdução à pesquisa em ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.”, quanto por Gil (1999), em “Métodos e técnicas de pesquisa social”, dentre outros autores compartilham a ideia de que os tipos de entrevistas mais recorrentes nas pesquisas científicas em Ciências Sociais são: a entrevista estruturada, semiestruturada, entrevista aberta, entrevistas com grupos focais, história de vida e a entrevista projetiva. Isto posto, passo a expor entendimentos sobre cada um desses tipos tentando, na medida do possível, expressar quais seriam as vantagens e desvantagens da utilização de cada uma dessas entrevistas como procedimento metodológico de pesquisa científica. Cabe

salientar que isso não significa que outros tipos e procedimentos metodológicos não sejam aplicados nas pesquisas. O que irá determinar a escolha por um ou outro será a adequação deste ao problema a ser investigado pelo pesquisador.

Só por simples organização e seguindo a ordem que estabeleci no parágrafo anterior, inicio apresentando algumas concepções sobre a entrevista estruturada, ou “formalizada”, compreensão advinda de Gil (1999), que, segundo o autor, se desenvolve a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanecem invariáveis para todos os entrevistados que geralmente, são em grande número. Por possibilitar o tratamento quantitativo dos dados, este tipo de entrevista torna-se o mais adequado para o desenvolvimento de levantamentos sociais possíveis de serem quantificados.

Ainda, conforme Lakatos & Marconi (1996), em se tratando das perguntas elaboradas nesse tipo de entrevista, o principal cuidado é com a possibilidade de comparação entre o conjunto de perguntas, no caso de utilização de um questionário tanto com perguntas abertas (possibilita a resposta do que é dito pelo pesquisado (entrevistado)) quanto fechadas (o entrevistado escolhe uma opção de resposta dentre um número de opções dadas pelo pesquisador (entrevistador)), que pode possibilitar uma readequação do que foi respondido por parte do pesquisado (entrevistado). Um dado relevante para esse tipo de entrevista é que os questionários podem ser enviados aos participantes por meio do correio, e-mail etc. Nesse sentido, o questionário consegue alcançar diferentes informantes possibilitando a obtenção de um número maior de dados, podendo, assim, estender-se por uma área geográfica mais ampla se isto fizer relação com o objetivo da pesquisa. Outro dado a ser considerado é a não presença física do pesquisador (entrevistador), em grande parte dos casos, frente ao pesquisado (entrevistado), o que pode garantir uma maior autonomia por parte do entrevistado (pesquisado) ao dar as respostas, em razão desse suposto anonimato, evitando inferências diretas que podem acontecer quando na presença do pesquisador (entrevistador).

Entretanto, os autores relatam que o questionário segue sendo aplicado em diversas áreas de pesquisa científica, embora a sua utilização ainda seja problematizada por alguns estudiosos, isto é, a problemática se instaura quando o número de devolutivas dos questionários é pouca, nenhuma ou tardia, o que acarreta um fator prejudicial para o andamento da pesquisa por não haver dados suficientes para serem analisados; ou, o questionário apresenta uma quantidade

expressiva de perguntas sem resposta; ou, há uma dificuldade de compreensão do que está sendo perguntado pelo pesquisador, quando esse não se faz presente no momento das respostas.

Após estas considerações sobre a entrevista estruturada, apresento o que se pode entender sobre a entrevista semiestruturada que, conforme Triviños (1987, p.145), possibilita a combinação de perguntas abertas e fechadas, as quais o pesquisado (entrevistado) tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto com certa “liberdade de expressão”. O pesquisador (entrevistador) deve seguir um conjunto de questionamentos que precisam ser previamente elaborados, os quais têm que seguir convicções que o pesquisador possui sobre o temática investigada, e que essa abordagem tenha um entoação que pareça uma conversa informal; também deve ficar atento para direcionar, no momento que achar oportuno, a discussão para o tema que o interessa ou que interessa a pesquisa, fazendo perguntas adicionais para elucidar questões não entendidas ou possibilitar a retomada ao contexto da entrevista, caso o informante tenha se desviado do proposto para discussão. Segundo o autor, esse tipo de entrevista

[...] parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Sendo utilizado quando se necessita ou precisa delimitar um certo volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema pesquisado, intervindo a fim de que os objetivos da pesquisa sejam alcançados.

Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Ainda de acordo com o autor, uma das principais vantagens em se utilizar esse tipo de entrevista é que, em grande parte das vezes em que é empregada, acaba produzindo uma amostra significativa do que ele chama de “população de interesse”. Contrariando a desvantagem que o questionário enviado possui por poder apresentar um baixo índice de devolução, a entrevista tem um índice de respostas mais considerável, uma vez que a interação entre pesquisador (entrevistador) e pesquisado (entrevistado) se estabelece no momento da entrevista, favorecendo a

“respostas espontâneas”, possibilitadoras de uma abertura e proximidade mais efetiva, o que permite ao pesquisador (entrevistador) abordar temáticas mais complexas e delicadas, isto é, “quanto menos estruturada a entrevista, maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes” (TRIVIÑOS, 1987, p. 151), e também, possibilita a “correção de enganos dos informantes”, que muitas vezes não poderão ser corrigidos no caso da utilização do questionário escrito. Pode-se entrevistar indivíduos que não sabem ler ou escrever, tendo-se a possibilidade da utilização de recursos visuais como gravuras, imagens, fotografias etc., o que pode deixar o pesquisado (entrevistado) “mais desenvolto”.

Em se tratando das limitações sobre a entrevista semiestruturada, essas estão relacionadas à dificuldade de se conseguir fomentos (recursos financeiros) para o desenvolvimento da pesquisa e no descuido com o tratamento dos dados tanto da pesquisa quanto dos participantes, o não esclarecimento devido de todas as etapas e procedimentos da investigação, o que pode gerar, no pesquisado, uma recusa ou omissão de fatos que seriam importantes para a resolução da investigação.

Aproveito esse momento para abrir um parêntese junto ao conceito desse tipo de entrevista para explicar que, mesmo em se tratando de uma entrevista semiestruturada, o que precisa ser mostrado nesse caso, para que não se confunda com o que pretendo com a tese (refletir sobre a formulação das perguntas do roteiro), é que não importa que o tipo de entrevista possibilite “(...) ao informante, seguir espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador (...)” (TRIVIÑOS, 1987, p.146), se a pergunta realizada segue um discurso responsivo imaginado (conceito que apresento no capítulo 8 (p. 37)) e por esse prisma, penso não haver essa possibilidade de “(...) seguir espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências (...)”. O pesquisado (entrevistado) pode ter a liberdade para falar sobre a temática investigada, mas o discurso será pautado pela formulação da pergunta feita pelo pesquisador (entrevistador): “(...) dentro do foco principal colocado pelo investigador (...)”. E, nesse sentido, o problema está em como está sendo respondida a pergunta e em o que está corroborando para que a resposta tenha sido feita de tal maneira. A alteridade não se desenha somente na suposta liberdade discursiva dada ao outro, como Triviños ressalta para a entrevista semiestruturada, ela se mostra quando a perspectiva de formulação da pergunta leva em consideração o outro, o discurso outro.

Isto posto, dando continuidade aos tipos de entrevista, trago um tipo muito semelhante a entrevista semiestruturada, a entrevista aberta, conforme Minayo (2002, p. 28), é utilizada quando há necessidade por parte do pesquisador (entrevistador) em obter o maior número possível de informações e detalhamentos do pesquisado (entrevistado) sobre determinada temática específica, sendo utilizada, geralmente, “na descrição de casos individuais, na compreensão de especificidades culturais para determinados grupos e para comparabilidade de diversos casos”, atendendo principalmente a “finalidades exploratórias”. Em relação a sua estruturação, segundo a autora, o pesquisador (entrevistador) introduz o tema e o pesquisado (entrevistado) tem liberdade para discorrer sobre o tema sugerido. As perguntas são respondidas dentro de uma conversação informal.

A interferência do entrevistador deve ser a mínima possível. Este deve assumir uma postura de ouvinte e apenas em caso de extrema necessidade, ou para evitar o término precoce da entrevista, pode interromper a fala do informante. (MINAYO, 2002, p. 29)

Continuando a exposição dos tipos de entrevista, apresento agora o que Minayo (2002) considera como uma técnica de coleta de dados que tem objetivo principal fazer com que os participantes debatam abertamente sobre um tema, fato etc., que seja do interesse de todos, o que caracteriza a entrevista com grupos focais, na qual os participantes devem ser selecionados a partir de um determinado grupo cujas ideias e opiniões venham ao encontro do que se pretende investigar ou desenvolver com a pesquisa.

Esta técnica pode ser utilizada com um grupo de pessoas que já se conhecem previamente ou então com um grupo de pessoas que ainda não se conhecem. A discussão em grupo se faz em reuniões com um pequeno número de informantes, ou seja, de 6 a 8 participantes. Geralmente conta com a presença de um moderador que intervém sempre que achar necessário, tentando focalizar e aprofundar a discussão. A primeira tarefa do moderador é a sua própria apresentação e também uma rápida apresentação do tema que será discutido. Logo após os participantes do grupo devem se apresentar. (BAUER & GASKELL, 2002, p. 39).

Neste tipo de entrevista, os participantes consideram tudo o que é explanado pelos outros membros da entrevista para a construção de suas próprias respostas, as quais podem vir carregadas de experiências individualizadas e também refletidas nas vivências relatadas pelos outros integrantes. Por esse tipo de entrevista

realizada em grupo seguir a mesma sistemática da entrevista individualizada, tanto Minayo (2002) quanto Bauer & Gaskell (2002) compartilham da ideia de que a entrevista com grupos focais não é mais eficaz que a entrevista realizada com um participante, mas consideram que pode haver uma complementação ao se utilizar as duas em uma mesma pesquisa, ou seja, “não existe um consenso entre os estudiosos dentro das Ciências Sociais” a respeito disso, por mais que alguns outros autores considerem a entrevista em grupo mais produtiva, como relata os autores acima citados, fator esse que caracteriza vantagem para uns e para outros não, e complementam referindo que quem determina o tipo de procedimento a ser utilizado será o tipo de pesquisa, seus objetivos, os tipos de entrevistados e a aproximação e pretensão que o pesquisador tem ou terá com esse procedimento metodológico.

Com relação à história de vida, tipo de entrevista considerada em profundidade na qual a interação entre pesquisado (entrevistado) e pesquisador (entrevistador) acontece constantemente e de certa maneira informalizada, tendo como principal função retratar as experiências vivenciadas por pessoas, grupos ou organizações. De acordo com Minayo (2002, p. 32), existem duas maneiras de se realizar o tipo história de vida: a “completa”, que retrata todo o conjunto de experiências vivenciadas pelo indivíduo entrevistado, e a “tópica”, que pontua e se desenvolve dentro de uma etapa ou um determinado período da vivência do entrevistado (um ano específico, data comemorativa ou de um acontecimento importante etc.). A história de vida tem como ponto fundamental realizar uma retrospectiva sobre a vivência do pesquisado, fazendo com que ele retome partes de sua memória afetiva e também de pensamentos reprimidos. Essa interação acontece quase como uma confidência na qual a visão individual dá espaço para a dimensão da experiência no coletivo. Como Minayo (2002) expõe, a história de vida possui uma carga afetiva que envolve todo tom da entrevista, o que pode ser considerada uma vantagem para obtenção dos dados, e também, uma desvantagem pela aproximação que se constrói entre pesquisador e pesquisado, pelo pesquisador não poder captar determinados elementos importantes por conta dessa proximidade.

E por fim, e não mesmo importante, a entrevista projetiva que, segundo Minayo (2002) é aquela que o pesquisador (entrevistador) se utiliza de técnicas visuais como: fotos, cartazes, figuras etc., para instigar a verbalização do pesquisado (entrevistado) frente a esse material, ao passo em que é realizada uma pergunta. Esse tipo de entrevista trabalha com a observação prévia de algo, evitando, assim, uma resposta direta sobre o tema, uma vez que o objeto precisa ser apreciado e

analisado pelo pesquisado (entrevistado) antes de responder ao pesquisador (entrevistador). Esse tipo de abordagem permite ao pesquisador (entrevistador) observar como o pesquisado (entrevistado) manuseia o objeto e formula a resposta, fazendo emergir trejeitos e pausas significativas para a pesquisa, porém pode ser desvantajosa se o pesquisado (entrevistado) não realizar uma conexão e compreensão entre o material apresentado e a pergunta realizada.

Sendo assim, o primeiro tipo de entrevista citado, a entrevista estruturada, exalta o objeto, o que faz dele um dos instrumentos mais utilizados na coleta de dados do modelo cientificista. Já os demais tipos relatados, privilegiam o sujeito e por isso, talvez, seu êxito no campo das análises que se utilizam do discurso, seja mais favorável à utilização, pois a entrevista semiestruturada, entrevista aberta, entrevistas com grupos focais, história de vida e a entrevista projetiva mantêm a presença consciente e atuante do pesquisador (entrevistador) e, ao mesmo tempo, permitem a relevância na situação do pesquisado (entrevistado). Este traço desses tipos de entrevista beneficia não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também os vivenciais, experimentais etc., pertencentes a esse social, sua explicação e a compreensão da totalidade, tanto dentro de uma situação específica como de situações de outras dimensões.

Cabe nesse momento mencionar que a escolha por tipificar essas diversas entrevistas serviu para demonstrar algumas possibilidades, dentre outras tantas que existem, que um pesquisador possui para utilizar como procedimento metodológico de pesquisa científica e quais seriam as possíveis intenções em se escolher um e não outro tipo por meio das vantagens e desvantagens.

Mas, principalmente, também trago que esses autores acima citados, relatam em seus textos que todos esses tipos de entrevista necessitam de uma sistematização e roteirização preliminar, que pode ser tanto escrita quanto pensada, para que o fluxo da entrevista siga o objetivo a que se propõe e para que o pesquisador constitua um procedimento mais seguro e organizado para a obtenção dos dados. Mesmo que nos textos dos autores referendados não haja uma abordagem direta sobre o roteiro de entrevista, isso fica posto de maneira subtendida na conceituação e desenvolvimento de cada tipo, ou como apreendido em Triviños (1987), Gil (1999) e Minayo (2002) que a qualidade das entrevistas depende muito do planejamento feito pelo entrevistador e cabe a ele criar uma situação onde as respostas do informante sejam “fidedignas e válidas”. “A situação em que é realizada a entrevista contribui muito para o seu sucesso; o entrevistador deve transmitir

organização e, acima de tudo, confiança ao informante.” (BAUER & GASKELL, 2002, p. 46).

Portanto, agora busco apresentar qual é a visão que se possui sobre (...)

4.4 (...) o uso da entrevista como procedimento metodológico de pesquisa científica (...)

(...) por ser entendida como um dispositivo de produção de textos a partir do discurso e como prática linguageira que se define por uma certa configuração enunciativa-discursiva (relação eu / outro). Mais especificamente, o uso da entrevista no contexto de pesquisas acadêmicas.

A escolha por essa abordagem, agora, justifica-se por diversos fatores e questionamentos que surgiram no meu início como pesquisador. Essa seleção por falar sobre a entrevista e não somente sobre o roteiro, ancora-se em três argumentos: (a) ponderar sobre o conceito de entrevista como método de pesquisa científica; (b) discorrer sobre como o método de coleta pode ser formulado para possibilitar um encontro alteritário e exotópico entre pesquisador e pesquisado; (c) apreciar alguns dados científicos gerados por esse procedimento discursivo.

No que diz respeito a ponderar sobre o conceito de entrevista como procedimento metodológico de pesquisa científica, de modo geral, a entrevista vem sendo entendida como uma interação discursiva entre duas ou mais pessoas em local específico, para obtenção de opiniões, posicionamentos, esclarecimentos, pontos de vista etc., não havendo uma única definição, uma teorização da entrevista como dispositivo de captação de outras vozes que são pertinentes a uma dada investigação científica. O que existe é uma gama de possibilidades de conceituação.

Em uma pesquisa rápida por um descritor como “entrevista”, são gerados aproximadamente 3.240.000 (três milhões, duzentos e quarenta mil) resultados para o Google acadêmico e 48.912 (quarenta e oito mil e novecentos e doze) para Portal de Periódicos da Capes. Para o descritor “entrevista científica” são gerados aproximadamente 1.140.000 (um milhão, cento e quarenta mil) resultados para o Google Acadêmico e 7.359 (sete mil e trezentos e cinquenta e nove) para Portal de Periódicos da Capes e se especificarmos o descritor para “entrevista como procedimento metodológico de pesquisa científica” são gerados aproximadamente 127.000 (cento e vinte e sete mil) resultados para o Google Acadêmico e 305 (trezentos e cinco) para Portal de Periódicos da Capes.

Essa diversidade de conceituação e reprodução pode produzir um efeito indesejável que quero aqui enfatizar: a não problematização do uso da entrevista como procedimento metodológico de pesquisa científica. Com efeito, minimizar o conceito de entrevista a um tipo de ferramenta de coleta e captura de informações e/ou opiniões significa, também, não considerar a diversidade de outros gêneros possíveis de serem incluídos nesta categoria, como entrevistas feitas por jornalistas, em programas de televisão, em diferentes espaços como processo de seleção de profissional etc. E, portanto, essa variedade e especificidade de objetivos relativos à cada modalidade de entrevista (entretenimento, diversão, informação, etc.), que impossibilita a estabilidade conceitual, sendo necessário refletir sobre a entrevista em contexto específico, o da pesquisa acadêmica.

Dentre a multiplicidade de conceitos, apresento o conceito de entrevista, segundo Haguette (1997, p. 86), que pode ser entendido como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado.” Por se tratar de um procedimento de coleta de dados pertencente a um método científico de investigação, de tema determinado, a entrevista é um dos procedimentos metodológicos utilizados no processo de trabalho de campo com fundo discursivo. Conforme a autora, sua utilização tem por objetivo capturar informações ou coletar dados, por meio do diálogo (relação entrevistador X entrevistado), que não seriam possíveis por outros procedimentos metodológicos. Por este prisma, a entrevista pode fazer tanto o protagonismo metodológico da investigação quanto ser a coadjuvante dessa pesquisa, podendo ser utilizada em conjunto com outro procedimento metodológico. Por meio dela, é possível a obtenção de dados tanto objetivos quanto subjetivos (pistas discursivas, acentos de valor, opiniões etc.).

Segundo Lakatos & Marconi (1996), ao escolher a entrevista como procedimento metodológico, alguns cuidados devem ser observados para que se obtenha um resultado satisfatório para pesquisa, como:

- (a) a preparação e tempo disponível para essa etapa da pesquisa;
- (b) o objetivo a ser alcançado pela investigação é o eixo norteador que deve balizar o planejamento da entrevista;
- (c) o entrevistado deve estar familiarizado com o tema da pesquisa;

(d) organizar a logística da entrevista (dia, horário, local) e a disponibilidade do entrevistado para tal;

(e) garantia do sigilo e respeito ao entrevistado (colaborador) no que se refere à identidade e aos relatos sobre o tema pesquisado;

(f) organização do roteiro com as questões a serem utilizadas.

Ainda, segundo os autores (p. 84), os questionamentos a serem feitos ao entrevistado devem levar em consideração o objeto da investigação em relação ao pesquisado, com intuito de proporcionar uma “continuidade discursiva” e uma “lógica responsiva.”

Já em discordância ao que diz Lakatos & Marconi e sua sistematização sobre a entrevista para pesquisa acadêmica, de acordo com Bourdieu (1999, p. 67), para se obter uma narrativa espontânea, realizar uma pergunta direta pode não ser adequada, visto que “fazer com que o pesquisado relembre parte de sua memória discursiva”, fará emergir considerações importantes sobre o seu dizer. Para tanto, o pesquisador pode muito bem ir “suscitando a memória do pesquisado”.

Conforme as perspectivas apresentadas acima, a entrevista pode apresentar-se como um campo promissor do desenvolvimento metodológico da investigação ao pensarmos que, a sistematização faz-se necessária para que haja uma organização do evento, mas “fazer com que o pesquisado relembre de sua memória discursiva”, para com isso, poder se obter uma “narrativa espontânea”, me remete ao princípio de alteridade e exotopia, conceitos que desenvolvo nos capítulos 11 e 12 (p. 42 e 45), dessa tese, ao falar sobre a formulação das perguntas do roteiro da entrevista e falar sobre o roteiro significa falar sobre a entrevista. Em uma interpretação e associação de ideias, Bourdieu demonstra com esse excerto, mesmo não tendo falado sobre nenhum desses conceitos, que a concepção alteritária e exotópica concede olhar para o procedimento metodológico, permite olhar o outro e voltar o olhar para si.

Mas, dando continuidade as concepções apresentadas até então sobre a entrevista, neste momento me dedico a trazer outras considerações sobre como a entrevista é vista em situação de investigação acadêmica, baseando-me em alguns autores, que falam sobre procedimentos metodológicos de pesquisa em ciências humanas e sociais. Na maior parte das obras, foi possível encontrar uma visão

unilateral sobre a maneira como é concebida a entrevista: ferramenta de captura de dados, como pode ser percebido nos seguintes trechos:

a) As entrevistas constituem uma técnica alternativa para se coletar dados não documentados sobre um determinado tema. (PÁDUA, 2000, p. 66).

b) A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 33-34).

c) (...) o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista (...). A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. (LAKATOS; MARCONI, 1994, p. 195)

d) A entrevista dirigida em pesquisa é um tipo de comunicação entre um pesquisador que pretende colher informações sobre fenômenos e indivíduos que detenham essas informações e possam emití-las. (CHIZZOTTI, 1995, p. 57)

Esses excertos não seguiram uma lógica nem ordem específica. Configuram apenas alguns exemplos, dentre inúmeras outras obras existentes que abordam esse tema. O importante, aqui, é salientar que a concepção apresentada nas obras configura o modo de como os papéis são postos no procedimento, ou seja, uma informação será recolhida pelo entrevistador que necessita saber algo sobre aquilo que o entrevistado sabe. Essa declaração, na visão de alguns autores, possui um tom valorativo, quase como se aquilo que foi dito pudesse ser considerado verossímil, respondendo, assim, às expectativas do entrevistador. Esse tipo de entendimento, pode ser considerado translúcido, aparente, revelador e, ao mesmo tempo, difuso, opaco, impreciso, por corresponder a uma realidade de quem profere em relação ao outro que busca, como é demonstrado no trecho a seguir.

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores (...) Nesse sentido, a entrevista, um termo bastante genérico, está sendo por

nós entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico. (MINAYO, 2002, p. 57)

Cabe ressaltar que essa “não neutralidade”, como apresenta a autora no trecho acima: “(...) Ela não significa uma conversa despretensiosa e neutra, (...)”, não configura o discursivo real e sim, o realizado, em dado momento de interação. Essa manifestação do dito com valor de verdade, segundo Szymanski (2002), está ligado à noção de fidedignidade. Mesmo que haja o entendimento de que é na interação que se configura o significado e que sempre haverá a interferência do entrevistador nesse processo, seja ela pelo simples fato de estar junto ao entrevistado (se fazer presente) ou por meio do discurso, existe um pacto de confiança, de crédito, de confiabilidade que se estabelece no momento da entrevista, entre entrevistador e entrevistado, que pode assegurar essa veracidade enunciativa. Parto do entendimento de que o entrevistador (pesquisador), por esse prisma, desvela o que pode estar oculto, o que pode estar nas entrelinhas, no dito real, inferindo o dito realizado. Por isso, cabe ressaltar que em se tratando da entrevista, não há como existir “neutralidade”, uma vez que a presença do pesquisador (entrevistador) em interação com o pesquisado (entrevistado), constitui-se como um fator instigador e também inibidor, devido ao modo como determinadas circunstâncias se apresentam durante a entrevista.

Toda essa exposição seria em nome de um rigor científico, cuja prática seria responsável pela definição do procedimento de análise, de forma que o pesquisador possa traduzir o dito e desvelar a verdade que se apresenta opaca. Entretanto, outros entendimentos, de outros autores como Pinheiro (2000), começam a emergir como possibilidades outras, despindo esse conceito mais geral sobre a entrevista. No texto, Entrevista: uma prática discursiva, a autora afirma que para analisar esta conexão entre entrevistador e entrevistado,

[...] faz-se necessário focar essa relação despojada de qualquer aproximação diagnóstica que reproduziria a relação do cliente que não sabe e do profissional que sabe e buscar uma forma de análise que possibilitasse maior aproximação com a versão do usuário. (PINHEIRO, 2000, p. 184).

Ao aproximar o discurso do entrevistado ao que é respondido por ele, a autora desconsidera a visão generalizada de coleta e captura de um discurso com valor de

verdade e adota a necessidade de buscar nos ditos o bailar de vozes que permeiam esse discurso real, autêntico, fidedigno, para que haja uma aproximação e uma ressignificação entre o que é dito com o que é ouvido.

Outro tópico bastante discutido nas obras sobre entrevista como procedimento científico de pesquisa é a abordagem entre o que se entende por entrevista e interação. Apesar de muitos autores utilizarem a nomenclatura interação, a maioria não explicita o que se pode entender por palavras como conversa, conversação, diálogo entre duas ou mais pessoas ou qualquer outra terminologia utilizada, fazendo somente uma menção à interação, classificando-a, da forma que define (Bakhtin, 1992), como algo pertencente a um gênero primário, o que pode ser facilmente questionado sob uma perspectiva dialógica, visto que a entrevista em situação de pesquisa possui característica e especificidade própria, como tipo de roteiro, por exemplo. A simples presença entrevistador / entrevistado não garante a interação nem é condição suficiente para garantir que haja uma. E, tampouco se justifica a utilização da entrevista como procedimento metodológico, dentro de uma abordagem como a que Moura, Ferreira e Paine (1998) citam nesse trecho.

[a entrevista] se mostra particularmente útil, quando a amostra é composta por pessoas que não têm condições de dar respostas por escrito como, por exemplo, no caso dos analfabetos, ou quando as perguntas exigem respostas de natureza mais complexa (...) (MOURA; FERREIRA; PAINE, 1998, p. 80)

Este tipo de afirmação, como a citada acima, só corrobora e sustenta a visão destorcida sobre esse procedimento, como se este se limitasse a um jogo de perguntas de um lado e respostas do outro. O recurso à entrevista não se resume a um facilitador de dada situação interativa; ela justifica-se pela singularidade das práticas de linguagem que autoriza, que fazem emergir uma diversidade discursiva, uma pluralidade de vozes que a circundam. Nesse sentido, a entrevista, pautada na concepção dialógica bakhtiniana baseada na alteridade e na exotopia, pode passar a considerar sobre outra perspectiva a inter-relação estabelecida entre entrevistado e entrevistador.

Um fator que pode auxiliar na reflexão de como o processo alteritário e exotópico não se configuram como práticas usuais na entrevista para pesquisa acadêmica, é em relação à perspectiva tomada pelo pesquisador no que se refere ao não discernimento entre os objetivos da pesquisa e os da entrevista. Chizzotti

(1995, p. 93) mostra que, o pesquisador (entrevistador) “(...) vai recolhendo os dados que o conduzem à progressiva elucidação do problema, à formulação e à confirmação de suas hipóteses.” Essa afirmação revela que a não diferenciação entre entrevista e pesquisa provoca a não observância dos objetivos da entrevista e sim que o entrevistado seja abordado a partir dos objetivos da pesquisa, o que produz um certo deslocamento discursivo por parte do pesquisado (entrevistado), que passa a ocupar o espaço daquele que responde o que o pesquisador (entrevistador) quer ou precisa ouvir. Essa não observância e diferenciação entre os objetivos da entrevista e os da pesquisa vai de encontro à proposta alteritária e exotópica que proponho com essa tese e da forma como poderia ser o uso da entrevista em situação de trabalho acadêmico: a preocupação com a definição do que seria um roteiro de entrevista que não pressuponha uma resposta esperada e que passa a considerar o outro como parte fundamental do processo.

Até agora apresentei alguns conceitos que se possui sobre a entrevista e que visão que se tem desse método como procedimento metodológico de pesquisa científica e como isso implica no fazer do pesquisador (entrevistador) e do pesquisado (entrevistado). Agora, o desafio é contestar a visão de mera ferramenta de coleta de dados para pesquisa acadêmica e caracterizar (...)

4.5 (...) a entrevista enquanto dispositivo enunciativo.

Para isto, é necessário situar o lugar da entrevista no universo discursivo. Pretendo também com isso, estabelecer algumas etapas de constituição de semelhanças e diferenças das práticas languageiras, com o intuito de promover o uso da entrevista em contexto de pesquisa acadêmica de forma alteritária e exotópica.

Pensando nesta perspectiva do papel da entrevista no âmbito da pesquisa acadêmica, parto da complexidade que envolve as diferentes inter-ações que estão postas em jogo, como: conversas formais e informais, sistematização ou não da interação, probabilidade de indução caracteriza ou velada, etc., que por consequência, nos mostram a diversidade discursiva que se vela e revela. Não haveria uma justificativa plausível para a utilização da entrevista, se essas interações, inter-relações e vozes circundantes não estivessem inseridas em um contexto existencial.

Por outro lado, a existência dessas inter-ações demonstra a importância da diversidade discursiva no que se refere ao modo como as relações se estabelecem entre elas. Essa diversidade é quem movimenta esse bailado de possibilidades. A partir deste entendimento, penso ser necessário refletir sobre duas caracterizações discursivas que denomino de discurso responsivo imaginado e discurso responsivo espontâneo.

Entendo por discurso responsivo imaginado⁸ aquele que, no processo de interação entre entrevistado e entrevistador, o questionado parte de uma determinada imagem ou visão que ele utiliza para suprir a necessidade comunicativa responsiva sobre um contexto específico. Nesse tipo de discurso, a pauta discursiva é pensada dentro de uma estratégia reativa: é previsível, alinhado, esperável. É o discurso que se espera ouvir.

Já o discurso responsivo espontâneo é aquele que, no processo de interação entre entrevistado e entrevistador, o questionado deixa emergir uma fala quase despreziosa, impensada, simples. Uma fala dos já ditos, daquilo que não se pode prever, do que não se pode captar, do imprevisível. Nesse tipo de discurso, a pauta discursiva acontece de forma natural, sem haver uma estratégia reativa. É o discurso que não se espera ouvir.

Ambos os discursos fazem emergir uma fala portadora de vozes outras. São perpassados por essas vozes. Porém, no responsivo imaginado as vozes retomadas estão em relação ao próprio entrevistador que, por um discurso indutivo (não pensado), faz com que o entrevistado fale o que o entrevistador quer ou precisa ouvir para corroborar com o questionado; busca a aceitação daquilo que pretende desenvolver ou dialogar. Saliento que esses conceitos serão retomados no capítulo 16, no qual será realizada uma interpretação sobre a formulação das perguntas de um roteiro utilizado em uma pesquisa acadêmica e no capítulo 17, que fala sobre a indução em oposição à intencionalidade.

⁸ Considero a utilização do termo “imaginado” nessa nomenclatura como algo que diz respeito à intensão responsiva que o pesquisador atribui ao pesquisado, a indução que determina a previsibilidade de resposta; o que o pesquisador pensa que poderá ter como resposta, o que ele pressupõe, imagina que terá de retorno.

5. O ROTEIRO DA ENTREVISTA

Isto posto, agora, me reporto a discorrer sobre o foco investigativo dessa tese:
(...)

5.1 (...) o roteiro da entrevista científica.

E, por consequência, sobre a formulação das perguntas pertencentes a esse roteiro. Inicio essa apresentação pelos critérios de elaboração do roteiro de entrevista, que partem de Manzini (1990,1991), que, em um âmbito geral, considera

[...] a entrevista um ato de interação social no qual a troca de tempo de fala se alterna entre entrevistador e entrevistado, mas o fluxo de interação se mantém simultâneo, se tendo o cuidado de desvelar o fato para que não seja confundido com um relato. (MANZINI, 1990,1991, p.151)

E, para que esse ato de interação venha ao encontro do objetivo que o entrevistador tem com a entrevista, algumas etapas devem ser cuidadosamente planejadas para se minimizar possíveis contratempos ou equívocos durante a utilização do procedimento. Aqui, quero salientar dois pontos importantes destacados por Manzini (1990,1991, p.152) sobre o que se pensa da entrevista: (a) “toda entrevista necessita de um objetivo” e (b) “a entrevista será satisfatória se esse objetivo for alcançado.” Considero, como pesquisador da área da linguagem, que realmente todo procedimento metodológico, assim como a entrevista, necessita de um objetivo visto que todo ato enunciativo tem por si só um objetivo qualquer, dentre muitos que existem para comunicação, e será esse o propósito maior que deverá conduzir o processo de entrevista, possuir um objetivo da entrevista. Nesse sentido, o que Manzini destaca na alternativa “(a)” corrobora com o que já foi discutido anteriormente no capítulo 7 (p.36), precisamos diferenciar os objetivos da pesquisa dos objetivos da entrevista, primeiro ponto; e, o segundo, a busca por essa satisfação, pela valoração do ato discursivo, pelo objetivo alcançado, em se falando desse ato na pesquisa científica, que é o que quero destacar, que acredito ser o momento que pode possibilitar na entrevista uma indução a um discurso-resposta direcionado, ou seja, o entrevistador (pesquisador) pergunta o que precisa saber e o entrevistado responde o que o entrevistador quer / precisa ouvir, o objetivo precisa ser alcançado para validar a entrevista? Talvez, se formos pensar a entrevista fora da esfera acadêmica, sim, o objetivo precisa ser atingido como os teóricos da área

do jornalismo, da mídia etc. revelam, mas e na pesquisa acadêmica, qual é o preço do objetivo obtido?

Sei que considerar a entrevista, como algo que pode parecer, em certos casos, um processo a um discurso-resposta presumido, é um tanto reducionista, até arbitrário da minha parte, se pensarmos na entrevista como procedimento metodológico de pesquisa científica, mas esse reducionismo conceitual não tem o intuito de criticar ou de minimizar as pesquisas que utilizaram, utilizam e que utilizarão a entrevista como procedimento metodológico de captura de dados e nem tampouco o procedimento em si, e sim, de chamar a atenção para um momento importante do ato de pesquisa que utilizará a entrevista: o momento da formulação das perguntas do roteiro e como a consideração dos conceitos bakhtinianos de alteridade e exotopia poderá propiciar uma requalificação desse roteiro, possibilitando uma reconfiguração na relação entre entrevistador (pesquisador) e entrevistado (pesquisado) – alteridade - e uma redução da interferência do pesquisador ao se coletar dados para investigação científica - exotopia.

Consequentemente, em vista da dada importância e relevância que considero sobre o roteiro, realizei um exercício semelhante ao feito com os descritores sobre entrevista, em uma busca por descritores como “roteiro”, “roteiro de entrevista” e “roteiro de entrevista científica. Para o descritor “roteiro” foram gerados aproximadamente 527.000 (quinhentos e vinte e sete mil) resultados no Google Acadêmico e 7.166 (sete mil, cento e sessenta e seis) para o Portal de Periódicos da Capes; para “roteiro de entrevista” foram gerados aproximadamente 238.000 (duzentos e trinta e oito mil) resultados no Google Acadêmico e 2.951 (dois mil, novecentos e cinquenta e um) para o Portal de Periódicos da Capes; e como “roteiro de entrevista científica”, foram gerados aproximadamente 142.000 (cento e quarenta e dois mil) resultados no Google Acadêmico e 559 (quinhentos e cinquenta e nove) para o Portal de Periódicos da Capes.

Esses dados revelam a necessidade de se refletir e debater com mais profundidade e em maior número sobre o roteiro, visto que se compararmos com os dados gerados pelos descritores de entrevista (p. 31), os números estão bem abaixo, não podendo deixar de salientar que o roteiro de entrevista científica é o balizador do procedimento metodológico, mesmo que diversos autores como os já relatados aqui no capítulo 6 (p. 30), não deem o devido mérito a esse momento da entrevista, não o rejeitando, mas considerando o roteiro apenas como um apoio para

que a entrevista possa ser realizada. Porém, inúmeros devem ser os cuidados que o pesquisador deve ter ao escolher a entrevista como procedimento metodológico. Portanto, para se realizar uma entrevista, alguns passos devem ser planejados para que não ocorram falhas ou imperícias durante a execução da entrevista e um desses passos, que quero salientar e refletir, como já dito, é a elaboração do roteiro para a entrevista, justificando que considero essa etapa norteadora de todo processo de obtenção dos dados de pesquisa. Mas, antes que eu possa tecer considerações sobre o procedimento metodológico de entrevista, procurei descobrir para que servem os seus roteiros.

5.2 Sobre o roteiro, conversando com Manzini (...)

(...) e de acordo com ele (2003, p. 14-23), o roteiro tem várias funções, sendo as principais, “auxiliar o entrevistador a buscar informações sobre o objetivo da pesquisa, na sua forma de condução;” e “auxiliar o pesquisador antes e no momento da pesquisa na forma de se organizar, e, indiretamente, auxiliar o entrevistado a fornecer as informações de maneira mais fácil e com maior precisão ao entrevistador.” Além dessas funções, o autor destaca que se deve atentar ao tipo de linguagem utilizada (formal ou informal) na elaboração do roteiro. Alguns outros cuidados que se devem ter são: “ter cautela com o jargão técnico do entrevistador e vocabulário; as formas e o nível de intenção das perguntas; evitar as perguntas com múltiplas finalidades e ter certeza de que a primeira pergunta do roteiro o entrevistado saberá responder.” E, conclui afirmando que, “tendo conhecimento de todos esses pontos evidenciados junto ao roteiro, a entrevista se tornará um meio muito mais eficiente para ir ao encontro do objetivo da entrevista.”

Mesmo que esse autor traga considerações para falar sobre a entrevista de forma geral, não só acadêmica, nossa conversa fluiu por eu considerar que muitos dos aspectos abordados por ele foram e são replicados dentro dessa esfera, quando utilizada a entrevista no procedimento metodológico de pesquisa e a maneira de explanar seus estudos, considero relevante por ir ao encontro do que defendo e me ancoro como referencial teórico (Bakhtin), que acredita que as relações se desenvolvem nas interações dos/sobre os processos e atos de fala (discurso), tornando-os ideológicos, heterogêneos, dinâmicos e dialógicos. Manzini não discorre especificamente sobre os atos de fala, mas não os desconsidera por ser por meio deles que a entrevista acontece e todo ato tende, segundo o autor, a acontecer por seguir essas etapas de utilização da entrevista.

Para tanto, nossa conversa rendeu frutos para que eu pudesse entender como a forma (no sentido de estrutura) entrevista constitui uma base sólida para a obtenção do que se pretende ao utilizá-la; consiste em um procedimento também científico por possibilitar que os dados sejam coletados dentro de etapas lineares (sistematização), não deixando espaço para possíveis quebras de paradigma, assegurando a credibilidade dos resultados obtidos nas pesquisas científicas; e, também permitiu que muitos questionamentos emergissem em mim pesquisador, que utilizo esse método desde meus primeiros contatos com a iniciação científica no curso de graduação, depois em várias outras pesquisas, que participei, que utilizaram a entrevista salientando: como o pesquisador se constitui participante do material a ser analisado; como se dá o processo de obtenção e análise dos dados obtidos etc; Nessa inquietação provocada por esse diálogo com Manzini que busco uma provável alternativa de ressignificação da formulação das perguntas da entrevista, que poderá possibilitar que futuras pesquisas ligadas à análise de práticas discursivas, vislumbrem um processo mais alteritário e exotópico.

6. ALTERIDADE, EXOTOPIA E CONCEPÇÃO DIALÓGICA BAKHTINIANA

6.1 Mas, e aí Bakhtin?! E a alteridade? Portanto, (...)

(...) apresento algumas definições teóricas que darão o aporte para a discussão, reflexão e fundamento sobre os trâmites relacionados ao procedimento de elaboração do roteiro da entrevista, para fins científicos, pensando na possibilidade de formulação desse procedimento, como venho propondo até então, dentro da concepção dialógica e suas ramificações, com ênfase nos conceitos de alteridade e exotopia.

Bakhtin (1992, p. 314-318), entende a alteridade como algo que se constitui da identidade do locutor, e se manifesta nos enunciados e na vida de cada enunciador; é a presença do outro no dito que quem fala; é a antítese ao outro (interlocutor):

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (...) estão repletos de palavras dos outros. (Elas) introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. (...) Em todo o enunciado, contanto que o examinemos com apuro, (...) descobriremos as palavras do outro ocultas ou semi-ocultas, e com graus diferentes de alteridade. (BAKHTIN, 1992, p. .314-318)

Vivemos em/na inter-relação com o outro. Só nos constituímos a partir do outro e vice-versa. O pertencimento parte do olhar que o outro incide sobre cada um e como cada um percebe esse outro. Somos alterados pelo outro, o que recai na alteridade que se manifesta pela presença de um e de outro. Experimentar a alteridade pode nos levar a perceber aquilo que nem imaginávamos alcançar. É o exercício de se colocar no lugar do outro e poder captar toda a essência e entendimento que o outro traz. Desprender-se. Observar-se. Olhar o outro pelo outro.

Mas quem é esse outro? Entender o outro é entender a si mesmo. A noção de outro, na concepção bakhtiniana de alteridade, mostra que a diferença constitui a vida social, à medida que esta efetiva-se por meio das dinâmicas das/nas relações enunciativas. O outro não é um ser a parte do eu e, sim, alguém pertencente ao eu e ao outro.

Somando a Bakhtin (1992), trago o pensamento de Laplantine (2000), que também desenvolve uma conceituação sobre alteridade. Diz ele que a palavra alteridade, que apresenta o prefixo alter do latim, possui o significado de se colocar no lugar do outro na relação interpessoal, com consideração, valorização, identificação e diálogo com o outro. A prática de alteridade se conecta aos relacionamentos entre indivíduos pertencentes a grupos culturais religiosos, científicos, étnicos etc. Na relação alteritária, estão sempre presentes os fenômenos holísticos da complementaridade e da interdependência, no modo de pensar, de sentir e de agir, onde as experiências particulares são preservadas e consideradas, tomando-se o cuidado de não se sobrepor, assimilar ou destruir estas.

Então, pensando na abordagem levantada por Laplantine, o conceito de alteridade parte do entendimento de que todo ser social está em inter-relação e interdependência com outros indivíduos. Portanto, é possível afirmar que o eu-social e o eu-individual estão sempre em constante relação e nunca em divergência. Um não se dissocia do outro. Por essa perspectiva, o “eu” se constitui a partir do outro e pelo outro, na visão do outro, o que permite entender essa relação por um viés diferente, por um distinto ponto de vista, que vislumbra o experimentar dessa relação (eu-outro).

Portanto, tanto para Bakhtin quanto para Laplantine, a alteridade se constitui na inter-ação do eu com o outro, por meio dos processos enunciativos e retomadas

discursivas, representativas de um meio social, que resultam em uma complementariedade de forças convergentes, que refletem e refratam instâncias outras. O eu se constitui no/pelo outro, mas ao mesmo tempo, esse eu, jamais será o outro e vice-versa.

Quando transporto esse entendimento para a questão dos roteiros de entrevista, buscar a alteridade nesse sentido, é pensar sobre a perspectiva do outro, do entrevistado, para elaborar as perguntas da pesquisa. Mas isso já não acontece? Se analisarmos como nascem muitos dos processos de investigação científica: o pesquisador parte de um desconforto perante uma situação e a partir desse momento, busca possíveis caminhos para conseguir entender o que acontece, o que causa essa inquietação e como ele (pesquisador) poderá contribuir para amenizar ou solucionar essa problemática, podemos pensar que talvez a necessidade de conclusão do problema não seja do outro (pesquisado) e sim do pesquisador. Porém, também não podemos desconsiderar que há o fator de inserção na problemática que o pesquisado está imerso na situação e o pesquisador vem para auxiliá-lo.

Mas, o que isso tem com a formulação do roteiro de entrevista? Supomos que esse pesquisador resolva utilizar a entrevista como procedimento metodológico da pesquisa que ele quer instaurar junto ao pesquisado, nesse momento, a alteridade poderá fazer com que o pesquisador busque olhar além da problemática instaurada; procure captar por meio dos enunciados, gestos etc., do entrevistado, possíveis pistas que ajudarão o pesquisador no processo de coleta do material a ser analisado, ou seja, deixar o campo de pesquisa falar o que precisa ser dito. Tentar livra-se de todo pré-julgamento que possa ser feito, proposital ou sem intenção. Procurar pensar o objetivo da entrevista para e pelo outro. Pensar em um roteiro que possibilite o falar que precisa ser dito e escutado e não o que se presume querer ouvir.

A alteridade, por esse prisma, se apresenta como um exercício integrador, que pode aproximar entrevistador (pesquisador) de entrevistado (pesquisado). Colocar-se no lugar do outro, mas não sendo o outro. Trouxe essa reflexão aqui para tentar justificar o porquê a alteridade é tão importante no processo de formulação do roteiro de perguntas da pesquisa.

Penso que para a realização de exercício de alteridade, seja necessária uma ou várias observações do local onde a problemática está estabelecida, para que o pesquisador possa a partir daí, pensar em um roteiro de perguntas que vislumbre a realidade da situação que se apresenta, alinhar o método de observação com o da entrevista. Caso contrário, o roteiro partirá da perspectiva e do olhar que o pesquisador terá do cenário. Vale salientar que, isso é uma sugestão, que para o meu caso investigativo foi importante de ter sido realizada. Portanto, passo a discorrer sobre (...)

6.2 (...) a exotopia (...)

(...) que, segundo as concepções epistemológicas de Bakhtin (1992), possibilita que o sujeito pesquisador, se perceba e se identifique com o outro, em uma posição de observação da ação exterior, para tentar perceber o outro na sua totalidade perto do seu acabamento, atribuído pelo pesquisador. Acabamento do que é relatado e do que é vivido, já que o pesquisador, observador participante dessa intensa relação de aproximação e distanciamento da vivência e do relato, não pode perder o seu lugar que somente a este pertence quando está fora do outro.

Esse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim (BAKHTIN, 1992, p. 19).

Outra unidade de estudo da filosofia da linguagem a ser aproximada para discutir a formulação das perguntas do roteiro do procedimento metodológico de entrevista, fazendo sentido para o uso da ação exotópica, é a cronotopia, que se refere ao tempo e espaço que se fazem e se refazem os relatos discursivos, ora validando os enunciados formais sobre o dito, ora os emancipando, esclarecendo (adorno) pelo movimento da cultura no mesmo espaço, mas em tempos diferenciados.

O processo exotópico acontece no momento em que há no pesquisador a apropriação do olhar do outro, a visão que reflete e refrata o olhar do outro sobre mim, colocando em ação o excedente de visão que o outro me proporcionou, o que renova muito do que percebo sobre a atividade em si. O pesquisador deve fazer intervir sua posição exterior: sua problemática,

suas teorias, seus valores, seu contexto sócio-histórico, para revelar do sujeito algo que ele mesmo não pode ver. (AMORIM, 2016, p. 94).

Para tal, refletir sobre essas duas concepções, é pensar dentro de uma (...)

6.3 (...) concepção dialógica, e é agora (...)

...que busco ampliar meus conceitos e argumentos por estar apresentando uma reflexão sobre parte de um procedimento metodológico. Portanto, parto falando sobre dialogismo, princípio advindo da teoria dialógica bakhtiniana (BAKHTIN, 1997), como ponto epistemológico da análise dialógica do discurso (ADD), que estabelece relações responsivas com discursos outros, os já-ditos, antecipando e projetando dizeres com outros discursos correlatos. Parte da noção de inter-relação dos discursos do locutor com os do interlocutor em um movimento dialógico. O procedimento de entrevista possui um fluxo dialógico, carregado de antecipações e projeções enunciativas que acontecem nas interações, que estas ocorrem por meio de enunciados repletos de signos ideológicos, que são utilizados de acordo com os gêneros do discurso, no caso o gênero entrevista. Essa movimentação, que é inerente a todo processo de dialogismo, é explicada por Sobral e Giacomelli (2016) em um artigo “Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso”.

1. O enunciado (e não a frase) é a unidade de análise da ADD, porque os sujeitos falam usando enunciados.
2. Os enunciados são usados pelos sujeitos na interação, que é a base das relações dialógicas.
3. Na interação, usando enunciados, os locutores recorrem a signos, que, na ADD, são sempre ideológicos, no sentido de marcados por uma avaliação social;
4. Na interação, os locutores usam signos ideológicos em enunciados de acordo com os gêneros do discurso, definidos como formas relativamente estáveis de enunciados. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 02)

Segundo os autores do artigo citado, existem diferentes maneiras de denominar a análise do discurso, mas o principal é que o objeto de estudo é o discurso e não a língua. Eles consideram o discurso “uma unidade de análise que tem uma materialidade, o texto, falado ou escrito etc., e o texto usa a língua.” (p. 02), é por meio do discurso que a língua é representada, na forma falada ou escrita, e o texto é construído e para que haja o entendimento desse enunciado, faz-se

necessário conhecer os atores responsáveis por essa movimentação enunciativa e o contexto no qual o discurso está instituído.

[...] a língua tem significação, que é o significado das palavras e expressões no sistema da língua, enquanto o discurso cria sentido, ou seja, faz as palavras e expressões da língua irem além dos significados registrados no dicionário e dizer coisas que somente o contexto mostra (o contexto sempre envolve um dado lugar e um dado momento, assim como um locutor se dirigindo a ao menos um interlocutor). Ninguém usa as mesmas palavras exatamente da mesma maneira em todas as situações, e cada qual, numa mesma situação, pode usá-las de maneira distinta a depender de seu projeto de dizer, aquilo que pretendem realizar ao dizer. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p.03)

Essa relação entre língua e discurso, desenvolvida por Sobral e Giacomelli, se associa as ideias da teoria dialógica do discurso do filósofo e pensador russo Mikhail Bakhtin e seu Círculo, porque tanto a língua quanto discurso estão intrinsecamente ligados à linguagem.

A linguagem para o Círculo bakhtiniano é uma atividade dialógica, cujos parceiros da comunicação discursiva, locutor e interlocutor, inscritos social e historicamente, ocupam um espaço ativo responsivo nas trocas verbais (BAKHTIN, 2003). Importa, sob esse enfoque, a “língua em sua integridade concreta e viva”, o discurso. Sem dispensar as “relações lógicas”, tratadas pela linguística (aspectos sintáticos, lexicais e semânticos), Bakhtin (1997, p.181) enfatiza as “relações dialógicas”, próprias do campo do discurso, no que tange às particularidades da linguagem e das relações de sentido que se estabelecem em qualquer parte do enunciado. Além disso, o Círculo apresenta três eixos básicos do pensamento bakhtiniano – “unicidade do ser e do evento”, “relação eu/outro” e “dimensão axiológica⁹” – como coordenadas de base da concepção dialógica da linguagem.

A fundamentação da teoria bakhtiniana é perpassada pela noção de dialogicidade, ou seja, os conceitos desenvolvidos pela teoria consideram a constante relação de alteridade “eu / outro”. O dialogismo é uma propriedade da linguagem (discurso) que estabelece relações responsivas com discursos de outrem em diferentes direções: ressonâncias de outros discursos, respostas a dizeres

⁹ Fronteiras valorativas que possibilitam a alternância entre os participantes do enunciado, ou seja, a relação de valor (morais, éticos, estéticos) do emissor diante do objeto do seu enunciado e de dos demais membros envolvidos no ato discursivo (RODRIGUES, 1998).

diversos, projeções e/ou antecipações (orientação para o discurso-resposta) (VOLOCHINOV, 2004). Essa inter-relação com discursos de outrem caracteriza a dinamicidade da linguagem, sua natureza heterogenia e sua inconclusividade constitutiva.

No ensaio, *Os gêneros do discurso*, de 1952-1953, Bakhtin (2003) apresenta uma explanação da concepção dialógica da linguagem. O conjunto de definições nele contido seria como uma síntese das ideias linguísticas de Bakhtin nos anos vinte, no qual é apresentado aspectos como a concepção de um nível abstrato de significação e a preocupação com as questões de estilo. Nesta perspectiva, os gêneros do discurso são discutidos à luz de uma concepção de enunciado que articula intrinsecamente a língua e as atividades humanas.

Enfatizando a relação intrínseca entre a língua e a vida, Bakhtin (2003) destaca os gêneros do discurso como formas discursivas, relativamente estáveis, pertencentes ao conjunto das esferas sociais. Além disso, observa que tais formas podem ser reconhecidas por características recorrentes (aspectos temáticos, estilísticos (linguísticos) e estruturais) que se manifestam em diferentes práticas sociais, permitindo a interação verbal. Nas diferentes manifestações de linguagem, conseguimos também observar o estilo (dialógico) de cada sujeito nas relações que estabelece com o outro (interlocutor, outros discursos, esfera de atividade etc.).

Sendo a linguagem dialógica e o sujeito construído pelo discurso (na relação eu / outro), ressalto que o sujeito também é dialógico e heterogêneo. Essa concepção corrobora a ideia de que o sujeito é perpassado por outros discursos e constitui-se heterogeneamente, ou seja,

[...] o objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências. Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear (BAKHTIN, 1997, p. 319).

Os indivíduos agem em determinadas esferas de atividade que implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados. Estes são determinados pelas condições específicas e finalidades de cada área. Assim, essas esferas de ação ocasionam o aparecimento de certos tipos de enunciados que se estabilizam

precariamente e que mudam em função de alterações que vão ocorrendo. Daí a afirmação de que cada esfera de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados.

Desse modo, o objeto do discurso é o ponto de intersecção em que se encontram diferentes opiniões. Diferentes relações de sentido, que interferem na constituição do sujeito. Com base na perspectiva bakhtiniana, Faraco (2003, p. 81) resume a concepção de sujeito: “não é entendido como um ente verbalmente uno, mas como um agitado balaio de vozes sociais e seus inúmeros encontros e entrechoques.” Não absorve, portanto, uma só voz social, mas sempre muitas vozes, pois “seu mundo interior é, então, uma espécie de microcosmo heteroglótico, constituído a partir da internalização dinâmica e ininterrupta da heteroglossia social.” Ressalta ainda que “o mundo interior é uma arena povoada de vozes sociais em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias.” Destaca também a questão da singularidade, a recusa de qualquer determinismo absoluto, o que permite afirmar que

[...] o sujeito é social de ponta a ponta (a origem do alimento e da lógica da consciência é externa a consciência) e singular de ponta a ponta (os modos como cada consciência responde às suas condições objetivas são sempre singulares, porque cada um é um evento único do Ser) (FARACO, 2003, p. 83).

Essas reflexões remetem a características da plurivocidade e singularidade do sujeito. A plurivocidade, no que se refere à constituição na relação com o outro (sujeito e discurso) e a singularidade, no que tange à constituição apoiada em uma ímpar compreensão responsiva diante dos fatos concretos. Sua dialogicidade, materializada na dinâmica interdependente entre plurivocidade e singularidade, possibilita transitar em diferentes esferas de atividade, ocupando diferentes lugares de enunciação e diferentes formas discursivas.

No livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volochinov (1929, 2004), partindo de uma crítica a duas importantes correntes linguísticas de sua época, o objetivismo abstrato (análise centrada no sistema linguístico) e o subjetivismo idealista (análise centrada no ato de fala individual), resgata a historicidade das formas linguísticas na situação real de comunicação. Apresenta um estilo interdisciplinar, que abre caminhos para uma nova interpretação do signo, da comunicação, da linguagem e da ideologia. São desenvolvidas características importantes sobre diferentes

objetos, como a natureza ideológica do signo, o dinamismo de suas significações, a alteridade que lhe é característica, os fenômenos da enunciação, o estudo das formas de citação do discurso alheio (discurso direto, indireto e indireto livre).

Portanto, considere a teoria dialógica (dialogismo) como ponto de partida epistemológico dessa investigação, sendo ela um princípio relacional que possibilita olhares diversos para além do aparente e nos convida a expandir os horizontes das formas estancadas de olhar a língua e instaurar a discursividade da linguagem, temáticas fundamentais para as pesquisas voltadas à análise dialógica do discurso. O dialogismo, propriedade constitutiva da linguagem (discurso), estabelece permanentes relações responsivas com discursos de outros em diferentes direções (deslocamento temporal), garantindo a dinamicidade de sentidos. Tal movimento de sentidos é desencadeado pelo enunciado concreto que possui, em sua tessitura, a interceptação de vozes sociais e discursos do outro em variados graus de alteridade (BAKHTIN, 1998, 2003). O enunciado materializa-se pela interação entre indivíduos em um espaço-tempo determinado. É dialógico, ideológico e histórico.

7. A ENTREVISTA E O ROTEIRO: ALGUMAS POSSIBILIDADES

Com base nesses entendimentos, a questão do roteiro se evidencia e se apresenta como algo instigante, principalmente quando penso se (...)

7.1 (...) roteirizo: com que propósito?, sobre que perspectiva? e para quem?

Então, após esses apontamentos sobre a concepção dialógica, que procuraram demonstrar a importância de se conhecer como os processos discursivos se deslocam e tudo que os cerca (língua e discurso, dialogismo, noções sobre signo ideológico e sujeito, gêneros do discurso, enunciado etc.) e como isso pode implicar na utilização de um procedimento metodológico como a entrevista, que faz aflorar uma gama de situações enunciativas e especificidades discursivas por meio do roteiro, que retomo Sobral e Giacomelli (2016) para dialogarmos sobre o enunciado e os conceitos de referencialidade, expressividade e endereçabilidade, posto que é por meio do roteiro que o pesquisador (entrevistador) irá instigar o pesquisado (entrevistado) a verbalizar sobre a situação problematizada.

Sobral e Giacomelli (p.04) caracterizam “o enunciado (e não a frase)” como uma “unidade de análise da ADD”, na qual as palavras são vistas como mecanismos

apreendidos na interação social, carregadas de ideologias que vão além da simples conceituação descrita no dicionário; são palavras que se constituem na inter-relação entre o eu, o outro e o social.

Aprendemos a usar a língua não nas gramáticas ou dicionários, e sim no intercâmbio verbal, no uso da linguagem, ao interagir com outras pessoas via linguagem. Criamos enunciados únicos a partir de outros enunciados e usamos palavras e frases não como vindos de gramáticas ou dicionários, mas a partir de seu uso em enunciados concretos, reais, ditos por alguém em algum momento e lugar a alguém com uma dada intencionalidade, carregados de valor, de valorização. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p.04)

Portanto, é nesse sentido que o dialógico se instaura, pois as palavras passam a fazer parte da nossa existência por meio do diálogo, da conversa, das trocas enunciativas, porque, muito antes de pensarmos que as palavras são nossa propriedade, elas já existiam de outrem, não existe o ineditismo nesse sentido, o que acontece é um compartilhamento, uma retomada e, posteriormente, uma apropriação. Já a frase possui um outro viés, ela...

[...] tem *significação*, o que tem a ver com as partes repetíveis da língua (o sistema), que é uma das bases dos enunciados. Os enunciados, por sua vez, têm aquilo que a ADD chama de *tema*. A significação das palavras é mobilizada nos enunciados para produzir o tema dos enunciados. O tema se refere ao enunciado como um todo e não a partes dele. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 04 (grifos dos autores))

Fazendo um parêntese correlacionado com o vem sendo explicitado por Sobral e Giacomelli sobre significação e tema, William Cereja, no capítulo “Significação e Tema”, publicado no livro “Bakhtin: conceitos-chave” (BRAIT, 2005), destaca, em sua reflexão, que não se pode trabalhar a produção e construção de sentidos sem levar em conta significação e tema. A significação é composta por signos linguísticos e formas gramaticais da língua existindo para subsidiar a construção de sentidos. Portanto, nesse sentido. a palavra não é neutra à espera de um falante que a atualize, fazendo-a renascer no contínuo de linguagem, e sim, ela ocorre entre dois ou mais indivíduos, reunindo em si vozes de todos aqueles que a utilizam ou a têm utilizado historicamente. A significação de uma palavra pode ser encontrada no dicionário, que ainda fornece possibilidades de seu uso, ou seja, sentidos que podem assumir esta palavra ao ser utilizada; o tema, por outro lado, só pode ser observado na situação concreta de enunciação (discurso).

As singularidades, por esse ângulo, podem garantir a preservação da dimensão de incompletude que, associada ao princípio dialógico, remete à inconclusividade dos enunciados, tendências entre formas organizadas no social (coletivo) e experiências subjetivas (constituídas na relação com o outro). O estudo de um procedimento de pesquisa, tendo em vista sua inter-relação constitutiva com outros processos e a situação complexa de investigação que a instaura, remete à importância da análise da linguagem, em sua constituição heterogênea e dialógica, como lugar de atualização e construção de sentidos.

Daí o motivo de se escolher o procedimento metodológico de entrevista, por incitar, por meio do roteiro, um discurso portador de temas e significações que vão ao encontro de como as concepções sobre determinado assunto se concretizam na materialidade da pesquisa. As palavras, articuladas dentro do discurso, podem atribuir sentidos diversos. Portanto, percebe-se que

[...] a significação está para o signo linguístico assim como o tema está para o signo ideológico, resultado da enunciação concreta e da compreensão ativa, o que traz para o primeiro plano as relações concretas entre sujeitos. (CEREJA, 2005, p. 202).

Ou como Sobral e Giacomelli explicam ao falar sobre enunciado e frase.

Temos de saber onde, quando, quem, como e a quem algo foi dito para entender o que foi dito, ou seja, para além da frase simplesmente. A frase é da língua, e o enunciado é do discurso, sendo, portanto, mais do que frase. Logo, discurso envolve interação e não somente língua. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 05)

Essas concepções levantadas tanto por Sobral e Giacomelli quanto por Cereja sobre significação e tema, contribuem para pensarmos sobre a diferenciação entre fazer um roteiro que parte de um princípio alteritário, de um roteiro que leva em consideração o objetivo da pesquisa. Portanto, posso pensar que a significação está para o roteiro objetivo da pesquisa (a sistematização, a padronização, a língua) e o tema está para o roteiro baseado na alteridade (a possibilidade, a reformulação, o discurso). E para concluir com essa minha interpretação, trago Sobral (2009) que demonstra a diferenciação entre significação e tema, mas também reforça que um não existe sem o outro,

“Significação” é portanto o conjunto de elementos da língua que são reiteráveis e idênticos, as formas fixadas da língua. Trata-se de elementos

abstratos fundados numa convecção, elementos que não têm existência concreta independente da enunciação. Mas eles são parte essencial da enunciação, que sem eles não pode ocorrer. A “significação” é um conjunto de recursos necessário à realização do “tema”, sendo nessa realização que nasce o sentido. Mas a significação não é suficiente para dar conta do sentido, porque este sempre nasce em situações concretas nas quais prevalece o tema. Por isso os escritos do Círculo dizem que a significação é inferior e tema superior; não se trata de hierarquia, mas de precedência: a significação vem antes do tema, mas este depende dela para existir. A ideia de tema é melhor entendida como “unidade temática”, expressão que esclarece o que distingue tema de assunto e que o define como o conjunto integrado de elementos únicos que se manifestam na enunciação concreta, os elementos não reiteráveis e não-idênticos da enunciação, tão únicos quanto ela e que geram sentidos por ser tomados em seu contexto e em sua situação de produção. (SOBRAL, 2009, p. 75, grifos do autor)

Ou seja, voltando para minha compreensão, é necessário que se tenha um primeiro roteiro embasado nos objetivos da pesquisa e nas concepções prévias do pesquisador para que depois possa vir a surgir um outro roteiro formulado fundamentado nos princípios de alteridade e exotopia.

Por esse ponto de vista de formulação, considerando que o contexto se apresenta como algo social e histórico, os conceitos de “referencialidade” (que propósito?), “expressividade” (sobre que perspectiva?) e de “endereçabilidade” (para quem?) – parênteses meus, que retomam o título do capítulo 14 –, apresentados por Sobral e Giacomelli (2016, p.05), apresentam-se como uma possibilidade outra que pode auxiliar na formulação das perguntas do roteiro: que propósito possui esse roteiro? (a que se destina), sobre que perspectiva o roteiro será trabalhado? (para que serve) e para quem é esse roteiro? (a quem interessa), ressaltando que,

[...] um enunciado, para a ADD, tem três componentes: um componente ligado à referencialidade, um componente ligado à expressividade e um componente ligado à endereçabilidade. O componente referencial dá conta do fato de que o enunciado fala de alguma coisa do mundo, tanto concreto como o arroio quanto abstrata como a saudade. O componente expressivo dá conta da avaliação/valoração do locutor sobre esse referente: “Detesto esse arroio!”, “Ai que saudade!”. E o componente de endereçabilidade dá conta do fato de todo enunciado ser dirigido, endereçado a alguém. Claro que: 1) não há referência (referencialidade) sem avaliação (expressividade), nem avaliação sem referência a um objeto do mundo (concreto ou abstrato); 2) não há expressividade sem o locutor considerar o outro a quem se dirige

(endereçabilidade), assim como o locutor não pode se dirigir a um outro de modo não expressivo; 3) por fim, também não há referência sem que o locutor considere o outro a quem se dirige, assim como o locutor não pode se dirigir ao outro sem se referir a um objeto do mundo. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 05)

Nesse sentido, o pesquisador fala para um referente (referencialidade) de um dado ponto de vista (expressividade) dirigindo-se a um dado interlocutor (pesquisado) (endereçabilidade). Por essa concepção, a alteridade ganha espaço para instaurar-se, por viabilizar um modo de construção do roteiro que aproxima pesquisado do pesquisador por meio dos enunciados constituídos nessa relação e, ao mesmo tempo, proporciona uma exotopia, um afastamento do pesquisador do material proveniente da entrevista, quando este retoma os componentes enunciativos de referencialidade, expressividade e endereçabilidade para recuperar o objetivo do roteiro utilizado na entrevista e os dados obtidos para posterior análise.

Ponderando sobre essa interação enunciativa entre pesquisador e pesquisado, busco em Sobral (2009) características sobre essa prática discursiva, procurando subsídios para entender como ela se manifesta e qual é o papel de cada participante dentro desse processo dialógico. Portanto, por meio dos conceitos de (...)

7.2 (...) entoação avaliativa e responsividade ativa (...)

(...) podemos entender que a entoação avaliativa depende da relação entre os interlocutores, e toda relação ocorre em um contexto, não havendo separação entre a relação (pesquisador/pesquisado) e o contexto. “[...] toda enunciação envolve um tom avaliativo impresso pelo sujeito e suas alterações verbais, de acordo com suas relações com seu interlocutor e o momento da interlocução.” (SOBRAL, 2009, p.83-84). É pela negociação entre os envolvidos que se estabelece esse comprometimento, essa interação, e se há negociação, é porque nada foi estabelecido anteriormente. A entoação já depende do que se presume ser a responsividade ativa.

O interlocutor é entendido por Bakhtin, em mais uma de suas geniais descobertas, como dotado de "responsividade ativa": a resposta concreta deste é que permite que se materialize a compreensão daquilo que lhe é “proposto” pelo locutor, e este o propõe em termos de uma dada “entoação avaliativa”. Portanto, só faz sentido para os sujeitos aquilo que responde a alguma coisa e só as coisas às quais é dada uma resposta, o que leva à recusa de uma “linguagem exemplar” que não venha do intercâmbio verbal,

caso se queira apresentá-la como da ordem da enunciação, do agir concreto dos sujeitos, e não da ordem “morta” da exemplificação, que em suas mais nefastas manifestações escamoteia contextos presumidos para atribuir sentidos fixos a enunciados que não os podem ter, confundindo-os assim com frases, marcadas por uma fixidez no nível da significação que é impossível no nível do tema. (SOBRAL, 2006, p. 75).

O pesquisador, nesse sentido, tentar fazer com que o interlocutor (pesquisado) aceite o que se propõe ou, no caso, responda o que se quer saber.

Assim, toda entonação aparece orientada em duas direções: com respeito ao ouvinte enquanto aliado ou testemunha, e com respeito ao objeto da enunciação como se fosse um terceiro participante vivo; a entonação o molesta, o acaricia, rebaixa ou engrandece. Esta dupla orientação social determina e atribui um sentido a todos os aspectos da entonação. Mas o mesmo é válido para os demais aspectos de uma enunciação verbal: todos eles se organizam no mesmo processo da dupla orientação do falante: esta origem social se manifesta mais facilmente na entonação, que é o aspecto mais sensível, flexível e livre da palavra (VOLOCHÍNOV, 2013b [1926], p. 85).

Após essas observações sobre as viabilidades de pensarmos como fazer para que as perguntas do roteiro da entrevista possam possuir um caráter mais alteritário e exotópico e de como se estabelece essa interação entre pesquisador e pesquisado, passo a discorrer sobre como o processo de formulação das perguntas do roteiro da entrevista aconteceu, com intuito de demonstrar, exemplificando, as especificidades que perpassaram minha investigação. Portanto, a partir desse ponto esta tese versa sobre (...)

7.3 (...) a formulação das perguntas do roteiro (...)

(...) ressaltando que, para que eu possa tentar formular as perguntas do roteiro e, por consequência, o uso da entrevista em pesquisas acadêmicas, apresento para apreciação um trabalho para ilustrar como se dá tal processo e o exemplo que trago a seguir é da minha própria dissertação de mestrado, que tinha por objetivo entender e refletir sobre as práticas docentes, buscando possíveis soluções para tornar a implantação do Ensino Médio Politécnico (EMP) um processo de conhecimento coletivo e humanizado¹⁰.

¹⁰ A educação para a humanização significa pensar e agir fundamentando-se em princípios éticos responsáveis, determinações políticas interventivas, criatividade estética sensibilizatória. Nesta

Com intuito de contextualizar, ressalto que a investigação parte de um processo relacionado a um mestrado profissional e por isso, algumas estruturas relacionadas à pesquisa científica seguem esta especificidade como a divisão da instigação em duas partes: uma diagnóstica e outra de ação-interventiva etc. Portanto, essa investigação aconteceu entre os meses de março a abril de 2015, na qual realizei 03 (três) entrevistas (individuais), em horários previamente agendados com cada docente, na Escola Colaboradora, levando em consideração o tempo de serviço do professor (até 05 (cinco) anos, de 05 (cinco) até 15 (quinze) anos e acima de 15 (quinze) anos). Cada entrevista durou até 40 minutos. O critério de seleção dos professores foi por tempo de serviço e levou em consideração as informações coletadas junto aos supervisores e ao servidor responsável pelo RH (recursos humanos) da Escola Colaboradora. Eles que forneceram os dados referentes ao tempo de serviço dos professores.

A entrevista era composta por 09 (nove) perguntas, que foram formuladas a partir de minhas reflexões sobre os assuntos discutidos na 1ª Conferência Estadual do Ensino Médio, realizada no início de dezembro de 2011 (proposta pedagógica (documento-base) e regimento referência) e de dúvidas levantadas pelos professores sobre a implantação do EMP, tanto nas reuniões pedagógicas semanais, que eram realizadas na escola em que eu trabalhava, quanto por conversas informais com diversos professores que também trabalhavam em outras escolas da Rede Estadual.

As perguntas, além de buscar indagar concepções que o entrevistado tinha sobre o EMP, tais como: quais seriam as diferenças e semelhanças com o antigo EM (2º Grau), como trabalhar interdisciplinarmente, se há uma resistência por parte dos professores com a implantação dessa política pública (EMP), tinham a intencionalidade de mostrar se os 04 (quatro) possíveis tópicos organizadores (concepção, legislação, metodologia/avaliação, o fazer docente e gestor), previamente gerados de articulações sofridas durante a implantação do EMP e a

direção, a humanização da educação e da escola é, ao mesmo tempo, processo e produto, nascida e conquistada num projeto de mútua determinação e radicais lutas de educadores transformadores. Como processo, é a ação diária nas escolas, nas aulas, nas reuniões, no trabalho pedagógico, para fazer valer os princípios da igualdade, da convivência fraterna, da reciprocidade, da solidariedade ativa, para a promoção de um mundo mais justo e humano. Como produto, é o espaço novo da educação do homem ativo, esperançoso, que aprendeu a viver junto aos seus semelhantes, na empreitada da formação e da produção social, da cultura, das relações humanizadas, ou seja, um espaço dotado de características humanas livres, conscientes e responsáveis pelo destino individual e social. (ESCLARÍN, 2006, p. 47)

execução do mestrado profissional, tais como: apontamentos, dúvidas e críticas de alguns professores pertencentes à Rede Estadual de como gerir a implantação do EMP, inquietações do pesquisador/interventor por também fazer parte do processo de implantação como professor, relatos informais sobre o desconforto com o método pedagógico nos ambientes escolares por parte tanto dos professores quanto dos gestores das escolas, provocação crítica-reflexiva e diretiva sobre vários processos educacionais, incluindo o EMP, instigada pelos professores e colegas do mestrado profissional de educação da UNIPAMPA, eram os mais adequados a serem utilizados como eixos temáticos do processo de ação-interventivo.

Então, primeiramente, eu tinha como esquema para o processo de ação-interventivo 04 (quatro) eixos temáticos que seriam desenvolvidos em 04 (quatro) encontros. Porém, após a construção dos 04 (quatro) encontros, percebi junto ao quadro de professores e gestores da Escola Colaboradora a necessidade de aprofundar um assunto pertencente ao terceiro eixo temático (metodologia/avaliação): Seminário Integrado. Por isso, reformulei a quantidade de encontros desenvolvidos com os participantes do processo de ação-interventivo. Mantive os 04 (quatro) eixos temáticos, mas realizei 06 (seis) encontros: 01 (um) encontro para concepção, 01 (um) encontro para legislação, 01 (um) encontro para metodologia/avaliação, 01 (um) encontro para o fazer docente e gestor, 01 (um) encontro para trabalhar somente o Seminário Integrado, decorrente do eixo temático metodologia/avaliação e 01 (um) de encerramento (para a apresentação dos planos das áreas do conhecimento), ou seja, 04 (quatro) eixos temáticos desenvolvidos em 05 (cinco) encontro e 01 (um) encontro de encerramento, totalizando 06 (seis) encontros.

Todas as 03 (três) entrevistas serviram de base para a análise qualitativa. Para os 03 (três) participantes das entrevistas, foram atribuídas nomenclaturas: Colaborador A, Colaborador B e Colaborador C, no intuito de preservar as identidades desses professores e estabelecer um parâmetro ético-científico com o material de análise; e para o pesquisador/interventor "P". Durante essa etapa, analisei facetas da construção discursiva dos professores (colaboradores), considerando a adaptação do dispositivo metodológico (entrevista) e, em especial, o discurso proferido por eles ao responder as perguntas, baseando-me na teoria dialógica do discurso.

Cabe neste momento elucidar, que as 09 (nove) perguntas, utilizadas na pesquisa para realização da entrevista, tiveram a intencionalidade de provocar a fala (discurso) dos professores. Cada pergunta elaborada suscitava diferentes relações sobre o EMP, procurando fazer emergir a resistência com a implantação, o que me possibilitou desenvolver um mecanismo de gradação, que buscou, inicialmente, demonstrar a que núcleo esse entrevistado pertencia (área do conhecimento, tempo de serviço) culminando com a possível resistência em relação à implantação do EMP. Essa intencionalidade gradual foi detectada no movimento responsivo que cada pergunta exercia sobre o entrevistado, instigando-o cada vez mais a falar sobre as intencionalidades do fazer politécnico para que fosse possível vislumbrar, dentro de cada enunciado, as marcas discursivas sobre a existência e o porquê de tal entrave (resistência). Toda essa particularidade intencional (09 (nove) perguntas) se fez necessária para que eu pudesse captar, no movimento discursivo-responsivo, especificidades do discurso e do fazer docente, o que, talvez, não fosse possível de ser apreendido, por exemplo, em uma única pergunta ou em perguntas de caráter não exploratório.

As análises das 09 (nove) perguntas colaboraram com a formulação da análise diagnóstica qualitativa (o porquê da resistência) e auxiliaram na materialização dos 06 (seis) tópicos organizadores (concepção, legislação, metodologia/avaliação, o fazer docente e gestor, seminário integrado, encerramento), os quais balizaram o processo de ação-interventivo e suavizaram os entraves (resistência) referentes à implantação do EMP, na Escola Colaboradora. A análise feita sobre os discursos foi dividida nos tópicos citados acima, porque a apreciação dos enunciados pode e deve sofrer várias interlocuções de um mesmo ou de outros referenciais (como no caso desta análise), para que se revelasse a riqueza das relações que permeiam os enunciados e que a qualidade das informações pudesse ser vislumbrada por mais de uma concepção. Porém, mesmo que esses tópicos tenham tido como principal referencial as concepções sobre a implantação do EMP, todas as análises apontaram para uma mesma direção diagnóstica: a resistência.

Após essa contextualização desse trabalho investigativo, trago um exemplo de um momento anterior ao da entrevista, a preparação do roteiro. Neste sentido, eu, primeiramente, elaborei um roteiro (rascunho) que chamei de roteiro piloto, mas este serviu somente como uma suposta intencionalidade do que eu percebia sobre determinado assunto. Este roteiro era composto de perguntas que foram concebidas

a partir dos objetivos da pesquisa e de concepções prévias que eu possuía sobre o assunto investigado.

Como exemplo, trago uma pergunta que fazia parte do meu roteiro piloto: “O que você sabe ou entende sobre o ensino politécnico?”. Se essa pergunta fosse feita desta maneira para o pesquisado (entrevistado), provavelmente eu obteria uma resposta deslocada de uma dita realidade que a representa, um discurso responsivo imaginado, visto que esse tipo de pergunta que considera somente a perspectiva do pesquisador (entrevistador), pode trazer para o instante de inter-relação entre entrevistador (pesquisador) e entrevistado (pesquisado), um discurso responsivo com base na indução, por só se considerar a perspectiva do pesquisador.

Portanto, no discurso do pesquisado (entrevistado) poderá ser possível capturar pistas do que o entrevistador queria e precisava saber, se havia um entendimento sobre o ensino politécnico por parte do entrevistado. Neste sentido, a interferência por parte do pesquisador pode ser perceptível, visto que o objetivo da pesquisa era entender e refletir sobre as práticas docentes, buscando possíveis soluções para tornar a implantação EMP um processo de conhecimento coletivo e humanizado e a forma como a pergunta foi elaborada já pressupõe que o entrevistado possui ou deveria possuir uma concepção sobre o EMP.

No quadro abaixo, apresento o modelo de pergunta que pode ser considerada por indução.

1 – Quadro de pergunta com a possibilidade de indução

A) O que você sabe ou entende sobre o ensino politécnico?

Fonte: quadro realizado pelo pesquisador

Este modo de pergunta precisaria ser formulado e deveria ser considerado base de intencionalidades, ou seja, “devem ser os objetivos a serem alcançados com a entrevista, ou seja, os objetivos da entrevista” (ROCHA, 2003, p. 201).

No quadro abaixo, retomo essa pergunta “A”, por ser uma das perguntas que utilizei para construir o meu roteiro piloto, como já especificado, e ao lado, coloco como essa intencionalidade foi formulada e se tornou uma pergunta (“A.1”) do meu roteiro final, o qual utilizei para realizar a entrevista. Todo esse processo de formulação do “momento de preparação da entrevista” (DAHER; ROCHA;

SANT'ANNA, 2004) está descrito no decorrer do desenvolvimento do texto com o intuito de manter uma sequência discursiva coesa ao relatar meu processo.

2 – Quadro de formulação da pergunta

ROTEIRO PILOTO	ROTEIRO FINAL
A) O que você sabe ou entende sobre o ensino politécnico?	A.1) Caso você utilizasse concepções sobre o ensino politécnico em seu trabalho como professor(a), de que maneira poderia ser esse trabalho?

Fonte: elaborado pelo pesquisador

Quanto ao quadro relativo à formulação, no qual comparo e demonstro a transição do roteiro piloto para o roteiro final, quero, agora, trazer a análise feita das respostas dadas, pelo Colaboradores A, B e C, para a pergunta A.1: “Caso você utilizasse concepções sobre o ensino politécnico em seu trabalho como professor(a), de que maneira poderia ser esse trabalho?”, com intuito de demonstrar como o processo de formulação torna a interação entre entrevistador e entrevistado, além de alteritária, portadora de um sentido que não pode ser previsto.

Tomando por base a pergunta A.1, a resposta do Colaborador A foi: “(...) eu entendo que essa é uma proposta... inovadora... muito boa... por parte... aqui do estado do Rio Grande do Sul... do governo... a gente está muito feliz com tudo isso... entendo assim que traz... no seu bojo... uma análise... das propostas mais... comprometidas... com um pensamento de esquerda... não é isso?... mas, eu vejo o seguinte: que a forma como foi implementado... no estado do Rio Grande do Sul... eu vejo que não foi a melhor... para mim, faltou um debate... mais aprofundado com a categoria... com os colegas... faltou também da minha... vejo assim que faltou também a questão... veio de cima para baixo... da estrutura, para possibilitar a implementação da politecnicia... e principalmente... formação... para os nossos colegas... dizem que precisamos mudar... trabalhar isso da melhor forma possível... mas vejo... vejo que é uma proposta inovadora... que era necessário dar uma mudada na forma como estava o ensino no Brasil... precisa mudar... não é mesmo?! (...)”

Este trecho cria um contexto responsivo que atende à pergunta feita pelo entrevistador, mas é carregado de outras significações, podendo considerar o trecho

abaixo, o exemplo de discurso responsivo espontâneo: “(...) mas, eu vejo o seguinte: que a forma como foi implementado... no estado do Rio Grande do Sul... eu vejo que não foi a melhor... para mim, faltou um debate... mais aprofundado com a categoria... com os colegas... faltou também da minha... vejo assim que faltou também a questão... veio de cima para baixo... ah da estrutura, para possibilitar a implementação da politecnicia... e principalmente... formação... para os nossos colegas... dizem que precisamos mudar... trabalhar isso da melhor forma possível (...)”

Ao analisarmos a resposta dada pelo Colaborador B: “(...) eu acho que a ideia do ensino politécnico no papel é muito legal... tá... eu acho que a proposta de a gente começar... ah... a gente tem hoje uma juventude muito... agitada... tá... uma juventude muito... eu gosto muito do... do Augusto Banri quando ele diz que nós mexemos em uma parte muito séria do cérebro das crianças e a gente não sabe mais como controlá-las né?!... então eu acho que a proposta do ensino politécnico, ele vem trazer um pouco mais de... ah... formação... para as crianças né... um pouco de... daquilo que na realidade... ah... uma ideia de formar... a prática com a teoria... daquilo que eles realmente vão fazer mais tarde quando chegarem na universidade e daquela... cortando né... porque na realidade o ensino médio cortava e eles começavam em um novo mundo né... e eu acredito que o ensino politécnico a gente passa a apresentar um pouco mais uma outra visão, uma outra ideia... ah... de ensino né?!... não tão apagada quanto eu achava que era o ensino médio tradicional... né?!... eu gostei da proposta deles, acho que a proposta é interessante... acho que a interdisciplinaridade ainda vai ser alguma coisa que um dia nós vamos descobrir que melhora a maneira de ensinar, mas... na teoria e na prática, eu acredito que ainda falta muito para a gente chegar na concepção ideal de ensino politécnico (...).”, podemos, também, considerar um discurso carregado de concepções que vão ao encontro do que se entende ser um discurso responsivo espontâneo, uma vez que os trechos: “(...) então eu acho que a proposta do ensino politécnico, ele vem trazer um pouco mais de... ah... formação... para as crianças né... um pouco de... daquilo que na realidade... ah... uma ideia de formar... a prática com a teoria... daquilo que eles realmente vão fazer mais tarde quando chegarem na universidade (...)” e “(...) eu gostei da proposta deles, acho que a proposta é interessante... acho que a interdisciplinaridade ainda vai ser alguma coisa que um dia nós vamos descobrir que melhora a maneira de ensinar, mas... na teoria e na prática, eu acredito que ainda falta muito para a gente chegar na concepção ideal de

ensino politécnico (...)” demonstram como a condição de possibilidade de trabalhar com o ensino politécnico faz emergir uma fala portadora de entendimentos que não se limitam a simplesmente exemplificar um possível modo de como realizar o trabalho docente.

E, corroborando com a compreensão feita sobre os Colaboradores A e B, o Colaborador C apresenta a seguinte resposta para a mesma pergunta A.1: “(...) ah... eu entendo que essa é uma proposta... inovadora... né... por parte... aqui do estado do Rio Grande do Sul... do governo passado... ah... entendo assim que traz... ah... no seu bojo... ah... uma análise... ah... das propostas mais... comprometidas... com um pensamento de esquerda... né?!... tu sabe aí que Karl Marx é o primeiro a falar dessa proposta né... mas, eu vejo o seguinte: que a forma como foi implementado... no estado do Rio Grande do Sul...ah... eu vejo que não foi a melhor... para mim, faltou um debate... mais aprofundado com a categoria... né... com os colegas... ah... faltou também da minha (...)”. Aqui, a pergunta pautada na concepção de discurso responsivo espontâneo revela uma fala perpassada por discursos outros, uma retomada de concepções discursivas representativas não somente de um modo de fazer docente, mas também de uma visão ideológica de pensamento sobre a educação.

Todas essas condições analisadas nos discursos proferidos pelo Colaboradores A, B e C foram acionadas devido à pergunta A.1 ser realidade dentro de uma suposição, de uma situação hipotética, marcada pela conjunção: “caso”, pela conjugação do verbo “utilizar” no Pretérito do Subjuntivo: “utilizasse” e pelo encontro entre os verbos “poder” conjugado no Futuro do pretérito do Indicativo e “ser” no Infinitivo: “poderia ser”, o que permite aflorar a intencionalidade discursiva e não a indução. Isto é, a conjectura abre espaço para a não previsibilidade discursiva, possibilitando a intencionalidade do que pode ser dito.

Os discursos proferidos ao mesmo tempo que fazem emergir uma fala simples, autônoma e carregada de outras vozes, uma fala ideológica, apresentam pistas da intencionalidade que o pesquisador tinha com determinada pergunta: saber o porquê da resistência que o pesquisado supostamente possuía sobre o ensino politécnico, possibilitando uma abertura discursiva, um discurso livre de previsibilidade, porém carregado de ideologia. Um discurso heterogêneo, dinâmico e baseado na relação com o outro. Se estabelece aqui uma relação alteritária entre entrevistador (pesquisador) e entrevistado (pesquisado).

Nesse sentido, pensando nessa relação entre pesquisador (entrevistador) e pesquisado (entrevistado), vale ressaltar que, segundo Sobral e Giacomelli,

[...] quando se dirigem a seus interlocutores, os locutores procuram adaptar aquilo que dizem a, principalmente, duas coisas:

- (1) as expectativas que esse(s) interlocutor(s) tem(têm) com relação a eles (o interlocutor é amigo, ou aluno ou professor do locutor), o que o interlocutor espera deles, ou acha que eles podem fazer sendo quem são; e
 - (2) o que querem fazer o interlocutor entender ao dizer o que dizem (ir fechar a janela; aceitar votar no candidato do locutor, por exemplo.).
- (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p.03)

Podemos, também, observar pelas respostas dadas que há um preparo, uma preocupação por parte dos pesquisados (entrevistados) em retribuir e suprir os anseios do pesquisador (entrevistador).

Visto isso, podemos entender que a ADD se constitui na sua especificidade e na relação com outros discursos, levando em consideração a qualidade e a tessitura das inter-relações. Tendo em vista essa colocação, acredito que esta forma de análise representa como uma mesma pergunta pode ser indutiva e como a formulação posterior pode atenuar a maneira como essa relação se estabelece. Por se tratar de uma possibilidade de análise discursiva, as duas formas (responsiva imaginada e responsiva espontânea) apresentaram pistas significativas de análise.

Para que não haja um entendimento equivocado das noções de discurso que apresentei aqui, necessito explicar que elas partem de duas concepções bakhtinianas de discurso: o Discurso Alheio Demarcado e Não Demarcado. No Discurso Alheio Demarcado são retomadas informações de discursos outros, o que Bakhtin (2003, p. 43) chama de discurso objetivado, no intuito de demonstrar e justificar (o porquê) uma situação pela qual se apresenta o indivíduo falante. Já no Discurso Alheio Não Demarcado não há uma definição clara do que é dito (em outro espaço e tempo), busca-se uma associação do que foi dito por um indivíduo, com o que ele acredita ser o correto, ou seja, não há separação muito nítida do enunciado citante e do citado, há, sim, uma busca pelo reconhecimento e reforço do que é dito. Esta variabilidade de discursos, que perpassam outros discursos, é caracterizada por apresentar vozes outras, nem sempre aparentes, e retomadas de dizeres (ressonâncias de vozes) que demonstram como o dizer carrega marcas determinantes e como o questionar pode inferir nesses ditos.

Avançando ainda na reflexão sobre a escolha da estratégia de acesso a um procedimento como a entrevista, percebo que sempre interfere o pesquisador: em função do tipo de pesquisa que ele escolherá, por exemplo, qual tipo de entrevista irá utilizar. Tal interferência é direta e mais visível nas situações que apresentei aqui, que se caracterizam como verdadeiras situações de enunciação envolvendo entrevistador e entrevistado, das quais resultam um discurso original, normalmente falado, gravado e posteriormente transcrito, fruto do encontro de pelo menos dois atores, que revezam o protagonismo.

Contudo, também nesses casos, a visibilidade de interferências do pesquisador pode ainda ser detectada em algumas de suas inferências: ao eleger determinados trechos discursivos em detrimento de outros, construindo, assim, uma base de dados a serem analisados que corroboram com os objetivos da pesquisa. Mas então, qual será o objetivo da entrevista? Neste sentido, o pesquisador produz algo de novo em relação a um dado, ao participar de uma interação não tão real que as demais ou não menos real que a verificada ao se realizar uma entrevista.

Como observado anteriormente, em se tratando da entrevista, essa relação discursiva entre entrevistador e entrevistado é declarada, e o produto que resulta dessa inter-relação se desenha e se define pelos atores envolvidos. Esse desenho discursivo é construído não somente por um ou outro autor; é co-construído nessa inter-relação que se estabelece, nesse pacto discursivo que por vezes cria a ilusão de poder expressar uma realidade com um grau máximo de fidelidade.

Sob essa perspectiva, o pesquisador está, na realidade, motivando, em um dado momento, a atualização desses discursos que foram regularmente produzidos por tais atores em outros espaços, como em conversas cotidianas (em família, rodas de conversa de amigos, em reuniões etc.), mas cujo acesso por parte do pesquisador seria extremamente difícil, uma vez que este precisaria acompanhar o referido ator em todas as suas interações, durante um período de tempo mais ou menos extenso, aguardando que em algum momento o tópico pretendido fosse abordado.

Essas retomadas discursivas, os já-ditos, demonstram o não ineditismo do discurso e caracterizam um momento anterior ao da realização da entrevista. Isto se comprova pela própria condição de realização da entrevista. Ou seja, a entrevista como procedimento metodológico de pesquisa acadêmica deve ser realizada com

quem já sabe algo a respeito de determinado tema; deve ser realizada com quem é capaz ou quem vem sendo capaz de produzir discursos a respeito do que se deseja ou pretende saber.

Tal ordem de argumentação pode parecer óbvia, mas o que quero ressaltar neste momento é que a explicitabilidade do discurso não se constitui em argumento suficientemente potente para evitar determinados equívocos presentes em muitos dos trabalhos de pesquisa, que parecem considerar o discurso resultante de entrevistas como a verdade discursiva a ser assumida pelo pesquisador.

Talvez isto que ele credita como real seja o que ele precisa saber para o projeto de pesquisa e não o que os dados coletados querem ou podem demonstrar, isto é, são nos dados obtidos da entrevistada, carregados com a voz de outros e ao mesmo tempo possibilitam a recuperação da própria voz em distintos espaços de interação, que o entrevistador poderá ter acesso a um dado conjunto de vozes que confirmam e reafirmam somente o que for ao encontro dos objetivos da pesquisa, sem considerar o objetivo da entrevista, fatores que me parecem constituir um argumento relevante para ratificar o porquê de se refletir sobre o roteiro da entrevista.

Mesmo assim, ao meu ver, a entrevista nunca poderá ser minimizada ou reduzida à produção de um mero momento anterior ou a repetição desse momento porque,

[...] trata-se de uma nova situação de enunciação que reúne entrevistador e entrevistado, situada num certo tempo, num espaço determinado, revestida de um certo ethos, com objetivos e expectativas particulares. ...Não é mera ferramenta de apropriação de saberes, representando, antes, um dispositivo de produção / captação de textos, isto é, um dispositivo que permite retomar/condensar várias situações de enunciação ocorridas em momentos anteriores. (DAHER; ROCHA; SANT'ANNA, 2004, p. 161).

Este conceito que trago sobre a entrevista que a define como situação de enunciação é satisfatório para mostrar que existe algo original e de não reproduzível e, ao mesmo tempo, que é produzível por ocasião da realização, porém não se trata de um ato discursivo inédito. Esta não originalidade discursiva deve ser considerada, quando se percebe que, depois da realização da entrevista, haverá fatos, situações e conjunturas que não foram acessadas anteriormente na concepção de formulação das perguntas, tampouco no momento da análise do material proveniente desse

encontro entre entrevistador e entrevistado. É nesse instante de seleção do material a ser analisado que a nítida intervenção do pesquisador, frente ao material, se mostra e se revela, por obedecer aos critérios estabelecidos conforme a pesquisa, e se vela ao eleger determinados trechos em detrimentos de outros, por não atenderem a esses critérios.

Porém, não posso deixar de lembrar que essa situação de descarte não se manifesta somente no material proveniente da entrevista, pois ela acontece principalmente já no ato da concepção e seleção das perguntas a serem feitas na entrevista, ato esse que é pouco discutido e, quando isso é dito, se limita a mostrar que o equívoco se deu por um “descuido” ou má formulação das perguntas. Isso tudo mostra que a entrevista não pode se limitar a um conceito de “mera ferramenta de captura de dados para análise”, e sim o espaço onde circulam determinados discursos, campo esse que será recortado conforme os objetivos da pesquisa, mas que precisa ser revisitado e refletido como ato proveniente de um momento anterior também pensado. Como Maingueneau (2011, p. 97) afirma, “trata-se, acima de tudo, da produção de um campo e de um espaço discursivos.”

Por isso, retomo uma das evidências dessa reflexão: os objetivos da entrevista não podem e não devem ser os mesmos da pesquisa. A entrevista necessita estar em constante conversa com os objetivos da investigação, mas não ter estes mesmos objetivos, visto que se escolhe determinado procedimento metodológico para que ele auxilie no desenvolvimento dos objetivos da pesquisa e não para que seja esses objetivos.

Quando colocados em um mesmo lugar, os objetivos da pesquisa e do procedimento escolhido (no caso entrevista) podem configurar um processo de indução por parte do pesquisador, ao formular as perguntas, porque os objetivos da pesquisa fazem referência ao que se quer ou precisa saber. Nesse sentido, a indução pode ser entendida como aquilo que se espera ouvir, o que se quer ouvir; não há possibilidade de o pesquisado, membros da instituição etc. falar o que realmente precisa ser dito ou o que se quer dizer. Este talvez seja o ponto fundamental para pensar a entrevista como procedimento metodológico: deixar o que precisa ser dito emergir de forma natural, simples, sem desconsiderar as evidências que o circundam. Mas para que essa possibilidade possa vir a acontecer e atenuar o aspecto indutivo, uma alternativa é que a formulação das perguntas do roteiro seja feita considerando os princípios bakhtinianos de alteridade e exotopia.

A entrevista, sob essa perspectiva, toma o status de deixar falar, porque as perguntas proporcionam isso. Esse distanciamento entre objetivos da entrevista e objetivos da pesquisa fica evidente em Daher (1998), que pressupõe o estabelecimento de objetivos, problemas, hipóteses e perguntas a serem efetivamente dirigidas ao entrevistado, no que se refere à utilização do dispositivo entrevista.

Quando se deturpa o dispositivo entrevista, a distância entre os objetivos, que fica clara em Daher (1998), já não se configura quando o discurso proveniente da entrevista é minimizado e entendido como uma realidade de quem diz algo sobre alguma coisa. Esse fato ocorre quando não é vislumbrado os atores que estão envolvidos neste processo. Não se configura um bate e volta, um pergunta e responde entre dois (pesquisado e pesquisador); os diálogos se idealizam em virtude de um terceiro, o que conforme Peytard e Moirand (1992, p. 179) caracterizam sobre o status da entrevista: “[na entrevista] há um diálogo que se co-constrói entre duas pessoas, mas esse diálogo é co-construído visando a um terceiro virtualmente ausente no momento do diálogo [os ouvintes ou os leitores] (...)”.

Mesmo que esses autores conceituem a entrevista na perspectiva da comunicação midiática, me parece ser muito oportuna a contribuição quando penso na entrevista como um procedimento metodológico de pesquisa acadêmica, visto que eles consideram esse terceiro, esse outro, os ouvintes ou leitores. Por esse ângulo, também posso considerar o outro da pesquisa o próprio entrevistador (pesquisador); isto é, dizer que o pesquisador pode ser considerado um outro da pesquisa reforça a ideia de que essa intervenção pode, de forma consciente ou não, levá-lo a construir estratégias de interlocução que possuem uma lógica própria (objetivo da pesquisa) e que conduzirão diretamente à resposta ao problema de pesquisa, o que, ao meu ver, não caracteriza um procedimento metodológico de pesquisa e tampouco há, nesse sentido, uma preocupação com a formulação das perguntas do roteiro que visa a alteridade como princípio; pode caracterizar a indução no processo de pesquisa e não a intencionalidade, mesmo que isso represente uma atenuação da indução. Essa resposta imediatamente encontrada significa a perda do real sentido de um trabalho de pesquisa: investigar, descobrir, problematizar, refletir, possibilitar etc. Nesse momento, apresento o que se pode entender por (...)

7.4 (...) indução em oposição à intencionalidade.

Compreende-se aqui indução como sinônimo de persuasão. Segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa (2002), entende-se por indução: “1. ato ou efeito de induzir, persuadir; e por persuasão: 1. ato ou efeito de persuadir; 2. Levar a crer ou aceitar; 3. Levar a se decidir a respeito de (algo); convencer.” Já intencionalidade, proveniente de intenção, é entendida como: “1. intento; 2. o que se objetiva fazer, pretender; e pretender como: 1. reclamar como um direito; 2. solicitar; 3. planejar, tencionar.”, e sob essas compreensões que se desenha o meu pensamento sobre a utilização da entrevista em âmbito de pesquisa, visto que a intencionalidade possibilita a alteridade e a indução pode não possibilitar. O pesquisador, ao escolher a entrevista como procedimento metodológico da pesquisa a ser desenvolvida, deve formular as perguntas, levando em consideração os objetivos que se busca com a entrevista, ou seja, qual será a intencionalidade ao formular cada pergunta, o que se pretende com cada questionamento e não o que se quer com cada pergunta. Nesse sentido, a intencionalidade pode proporcionar uma liberdade enunciativa, pois a pergunta formulada não irá pressupor uma “exatidão” de resposta: um sim ou não, um sei ou não sei etc. O interlocutor (pesquisado) não se sentirá pressionado a dar um retorno satisfatório pela pergunta feita, mas se sentirá confortável para contribuir como puder contribuir, pensar a pergunta para e pelo o outro (alteridade).

Portanto, retomo o exemplo anteriormente dado. A perguntar: “O que você sabe ou entende sobre o ensino politécnico?”, configura o que se quer saber, o que se sabe ou não se sabe sobre tal assunto, pode induzir a um discurso previsível. Quando a pergunta é formulada e passa a ser feita da seguinte maneira: “Como o ensino politécnico pode auxiliar no seu trabalho como professor(a)?”, configura-se o que se pretende saber: qual é o entendimento que esse professor tem sobre o ensino politécnico e o porquê de tal resistência sobre essa modalidade de ensino, havendo ainda a possibilidade de indução a um discurso previsível, mas esse passa a ser amenizado. Por meio da intencionalidade há uma atenuação na forma de perguntar, o que possibilita a abertura e o surgimento de alternativas discursivas outras.

Este tipo de abordagem alteritária possibilita que o investigador obtenha uma outra opção de análise, desde o que foi pretendido até outras possibilidades de resposta. Não estou, com isso, descartando sistematizações já relacionadas com o

processo de entrevistar, mas sim refletindo sobre outras possibilidades que poderão tornar este um procedimento menos interventor (minimizando a presença do pesquisador) e que possibilite uma indução atenuada a um discurso responsivo imaginado. Essa minha caracterização de entrevista não alteritária, com fundo de que pode haver indução não qualifica um tipo de pesquisador (entrevistador) que se utiliza desse meio para alcançar o que precisa com a pesquisa. Penso que isso acontece de maneira muito tênue e imperceptível por parte do investigador; mas não posso considerar que isso se configure somente como um problema ou imperícia de concepção na elaboração das perguntas da entrevista. Isso ocorre porque faz parte do processo natural enunciativo entre pesquisado e pesquisador; é inerente aos discursos e as relações entre os indivíduos.

Portanto, a sugestão para tornar a entrevista um processo alteritário e exotópico, por eu acreditar que as ações se constituem no grupo e que o suporte necessário para a fundamentação e a concretização emerge das mais diversas situações (discursivas e vivenciais), seria de se utilizar do método desenvolvido pela Clínica da Atividade (CLOT, 2006)¹¹, em concordância com o recurso Roda de Formação (WARSCHAUER, 1993)¹², ancorada no princípio da construção coletiva e o conceito de observação participante (CHIZZOTTI, 1995)

Por esse motivo, além de retomar a ideia de que uma sistematização já reconhecida deve ser seguida, neste momento busco abrir possibilidades outras de reflexão. Com o intuito de aproximar ao que foi apresentado de Manzini (1990,1991 e 2003) sobre a questão da entrevista e do roteiro para entrevista, resgato agora Daher, Rocha, Sant'anna (2004), que irão expor três momentos que devem ser seguidos ao se utilizar a entrevista como procedimento metodológico:

- o momento da preparação da entrevista: momento em que, lançando mão dos saberes que possuímos acerca do outro e com base em objetivos determinados,

¹¹ Yves Clot, por meio da Clínica da Atividade, busca estabelecer um grupo de discussão e reflexão sobre um assunto relacionado a uma problemática, levando em consideração a contribuição que cada especialidade dos protagonistas envolvidos neste método pode aportar, no intuito de produzir uma resolução, (re)elaboração e (re)organização no/do processo por este coletivo de pessoas (especialistas). (CLOT, 2006)

¹² (...) as rodas são espaços para o trabalho coletivo na escola: rodas de professores que favorecem o trabalho coletivo dos alunos, nas rodas de alunos, que por sua vez geram a necessidade do trabalho coletivo dos professores (WARSCHAUER, 2001, p. 178).

produzimos uma espécie de “roteiro” condutor de algo que se poderia considerar uma “interação antecipada” com o outro que se pretende entrevistar;

- o momento da realização da entrevista: situação que estará assentada nas bases definidas por um roteiro, responsável por atualizar, sob o signo da interação entrevistador – entrevistado, textos já produzidos anteriormente em diferentes situações de enunciação;

- o momento que se segue à entrevista: situação na qual o pesquisador estará em condições de finalmente decidir sobre os dados os quais trabalhará, a partir do conjunto de textos produzidos. (DAHER; ROCHA; SANT’ANNA, 2004, p. 169).

Como especificado acima, existem três momentos que devem ser levados em consideração ao se eleger a entrevista como procedimento metodológico. E, todas as tipificações discutidas sobre a entrevista no capítulo 6, seguem, segundo esses autores, essa organização. Já que o foco está na formulação das perguntas do roteiro, quero destacar o primeiro momento, o da preparação da entrevista, o qual se caracteriza pela produção desse instrumento pertencente a entrevista. Aqui, pretendo sugerir uma sistematização que me ajudou no processo de formulação do roteiro de entrevista utilizado na minha dissertação de mestrado, já que desde então os conceitos de alteridade e exotopia nortearam o meu processo de construção como pesquisador acadêmico. Ressalto ainda que essa organização parte de uma perspectiva minha como pesquisador, isto é, que serviu para o propósito que eu possuía com a investigação. Isso não significa que irá auxiliar a todos da mesma maneira que me ajudou. Trata-se, como já disse, de uma sugestão. Não existe aqui a pretensão de achar que essas etapas, que serão apresentadas a seguir, configuram como a maneira perfeita e única de se utilizar a entrevista como um procedimento metodológico de pesquisa acadêmica pautado nas concepções bakhtinianas de alteridade e exotopia.

7.5 Assim sendo, a entrevista acadêmica em um processo alteritário e exotópico (...)

(...) pode ser viável? Mas, como isso pode ser possível? Isto posto, apresento agora o fluxograma que elaborei, utilizado na minha dissertação de mestrado, e que serve de exemplo para que eu possa desenvolver minha reflexão sobre a roteirização de uma entrevista acadêmica em um procedimento alteritário e exotópico.

1 - Fluxograma do procedimento metodológico de entrevista sob uma abordagem alteritária e exotópica.

Objetivo da pesquisa → procedimento metodológico da pesquisa: entrevista → objetivos da entrevista → momento de preparação da entrevista: elaboração do roteiro piloto (intencionalidades) → organizar uma maneira que possibilite a observação do pesquisado dialogando sobre a temática da pesquisa → registrar tal observação → confrontar o roteiro piloto com o registro da observação → formular o roteiro final (alteridade e exotopia) → momento da realização da entrevista (alteridade) → momento de analisar o material proveniente da entrevista (exotopia) → resultados

Fonte: Fluxograma realizado pelo pesquisador

Por eu acreditar que esse procedimento para (re)pensar a entrevista é dialético, o qual se constitui e é constituído na interação dos enunciados e associação de problemas comuns, pelo questionamento individual e coletivo, pelo diálogo com a realidade e pelo reconhecimento de sua inserção como sujeito social (WARSCHAUER, 1993,2001), descrevo as ações que podem ser realizadas, as quais realizei no meu mestrado, para tentar tornar o procedimento metodológico alteritário e exotópico.

Como práxis, o primeiro passo foi ter definido a temática, pergunta de pesquisa e objetivos da investigação e eleger a entrevista como procedimento metodológico, porque foi o procedimento que serviu para ajudar a alcançar os objetivos da investigação e tentar responder à pergunta de pesquisa. Após, segui a sistemática já convencionalizada para utilização da entrevista em ambiente de pesquisa: “momento da preparação da entrevista”: esquematizei um roteiro “piloto” e, junto a isso, formulei os objetivos da entrevista, o que se pretendia com a utilização do procedimento e com cada uma das perguntas do roteiro (intencionalidades).

O segundo passo foi entrar em contato com o espaço que contribuiu com a investigação para apresentar e obter adesão à pesquisa. Após ter recebido o aceite da instituição, solicitei para um encarregado pela instituição, a participação em um dos encontros (reuniões) que a equipe possivelmente realizava, para discussão de assuntos diversos relacionados à instituição. Quando solicitei a participação, pedi

para que o encarregado marcasse o dia em que o pesquisador iria participar da reunião e avisasse, com antecedência, aos outros participantes da reunião, que um convidado se faria presente para observar da reunião. Solicitei, também, que uma das pautas da reunião fosse sobre a temática a qual apresentava a problemática a ser investigada pelo pesquisador. Aos demais só ficou claro que alguém estaria observando a reunião, mas não o que estava sendo observado.

Aqui já destaco a utilização de um procedimento: a observação participante, que acredito proporcionar uma dinâmica de inserção em uma realidade, no caso, na realidade da pesquisa, cabendo ao pesquisador o ato da experiência, de ouvir e de ver a perspectiva do outro pelo outro, de se colocar no espaço e lugar do outro (alteridade).

[...] a observação participante visa a uma descrição fina dos componentes de uma situação, experienciado e compreendendo a dinâmica dos atos e eventos e a recolher as informações a partir da compreensão e sentidos que os atores atribuem aos seus atos. (CHIZZOTTI, 1995, p. 18)

E como complementa Brandão,

[...] na observação participante, é preciso atentar para o aspecto ético e para o perfil íntimo das relações sociais, ao lado das tradições e costumes, o tom e a importância que lhes são atribuídos, as ideias, os motivos e os sentimentos do grupo na compreensão da totalidade de sua vida, verbalizados por eles próprios, mediante suas categorias de pensamento. Assim, é preciso observar o conjunto das regras formuladas ou implícitas nas atividades dos componentes de um grupo social. Também é necessário observar como essas regras são obedecidas ou transgredidas e como ocorrem os sentimentos de amizade, antipatia ou simpatia que permeiam os membros do grupo. (BRANDÃO, 1981, p. 23)

Acredito que por meio da observação do que é discutido e refletido nesse primeiro contato entre o pesquisador e o local onde irá se instaurar a pesquisa, o pesquisador é capaz de retomar e analisar a realidade que o cerca, tentando captar os conflitos e tensões existentes e identificar grupos sociais que têm em si a sensibilidade e motivação para as mudanças necessárias.

Trata-se de uma tentativa de sistematizar e socializar os exercícios de investigação e os debates que se processaram ao longo do desenvolvimento do dispositivo para formulação das perguntas da entrevista, das mudanças concretas

experimentadas no decorrer do procedimento. A pluralidade presente nos diálogos reflete e refrata instâncias, características marcantes, próprias dos atos de enunciação, potencializando a ação-reflexão coletiva, reafirmada pelas singularidades, nas diversas experiências que se vão confrontando em um espaço de discussão sobre a relação que se apresenta.

Então, o terceiro passo foi a participação da reunião para efetivar a observação e o registro dos acontecimentos. Como todo processo em que o pesquisador se faz presente frente ao pesquisado, houve um estranhamento por parte dos participantes da reunião, com poucas inscrições de fala no início etc. Por isso que, independentemente do procedimento utilizado em pesquisas, o contato com o estranho (seja pesquisador, material utilizado (câmera, celular etc)) ou qualquer outro artifício, gera, em quem participa, uma primeira reação de recusa, de negação ou de reserva, o que nos mostra que a interferência do pesquisador se faz presente, podendo ser atenuada dependendo do procedimento metodológico utilizado ou da maneira como o pesquisador conduzirá esse procedimento. Não há como haver neutralidade nesse sentido.

Mesmo assim, entendendo que essa mediação entre pesquisador e participantes irá acontecer, cabe ao pesquisador, durante a reunião, se limitar a somente observar e registrar. Por isso, a participação nesse encontro, para realizar a observação, é um importante fator para dar continuidade no processo de formulação das perguntas do roteiro, porque conforme Warschauer (1993), é pela partilha que se caracterizam os contatos e as trocas entre os pares, com intuito de

[...] reunir indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e sentir, de modo que os diálogos nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica. São, às vezes, atravessados pelos diferentes significados que um tema desperta em cada participante. (...) A constância dos encontros propicia um maior entrelaçamento dos significados individuais, a interação aumenta e criam-se significados comuns, às vezes até de uma linguagem própria. (WARSCHAUER, 1993, p. 46)

A utilização dessa prática defendida por Warschauer, no presente caso, permitiu que os diferentes sujeitos envolvidos procurassem por meio do diálogo, discutir e refletir sobre um ou diversos assuntos, buscando possíveis soluções e resoluções. Assim, teve-se a contribuição de diferentes sujeitos que, após

discussões e reflexões, buscaram o entendimento de significados comuns. A intenção da dinâmica estabelecida pode permitir um processo de (re)construção, pautado no diálogo estabelecido entre os atores envolvidos.

Tal como o método de partilha desenvolvido por Warschauer, o elaborado pela Clínica da Atividade, que tem como um dos princípios “trazer especialistas de diversas áreas para contribuírem na discussão, análise e resolução de um problema nos ambientes laborais” (CLOT, 2006, p. 14), objetivando produzir uma reorganização das tarefas pelo coletivo de profissionais, “uma recriação da organização do trabalho pelo trabalho de organização do coletivo” (CLOT, 2006, p. 16), possibilitou que todos os envolvidos pudessem tomar sua própria atividade profissional como objeto, criando novas estilizações e recriando os gêneros que a perpassavam, dando-lhes vitalidade e plasticidade.

Retomando o terceiro passo, quanto à forma de registro do encontro, utilizei uma folha de apontamentos, que consiste em um material organizado conforme o processo, com espaços próprios, que deve seguir uma ação contínua, identificado, datado e registrado e é utilizado para realizar anotações, mediante a observação dos fatos ocorridos durante uma formação, encontro, reunião etc., para que possam ser retomadas características dos acontecimentos e assuntos discutidos e refletidos para posterior averiguação desses fatos.

Após o término da reunião, em outro espaço e tempo, o quarto passo foi comparar o que estava no roteiro piloto com o material proveniente do encontro: o registrado na folha de apontamentos, confrontando-os. Nesse momento, cabe ao pesquisador tentar formular ou readaptar o roteiro piloto para o roteiro final da entrevista por uma outra perspectiva, a do pesquisado, ou seja, a elaboração das perguntas do roteiro final da entrevista parte de outro olhar e lugar, leva em consideração a visão do outro, de quem será pesquisado (entrevistado).

Preciso, neste instante, relatar que esse material proveniente da observação não configura elemento de análise da pesquisa, não são dados de pesquisa. Ele serve unicamente para auxiliar na formulação das perguntas (roteiro final) a serem utilizadas na entrevista. Seu uso é para repensar as perguntas elaboradas no roteiro piloto. Caracteriza uma maneira de tornar o processo alteritário e exotópico. O material a ser analisado pelo pesquisador é o que deriva da entrevista realizada: a transcrição (enunciados concretos).

Neste momento, se desenha um processo de afastamento do material a ser empregado por parte do pesquisador (entrevistador), o que credito como um processo exotópico e também alteritário, por considerar a inserção do outro dentro da formulação das perguntas da entrevista. Ao deslocar esse olhar próprio para uma outra concepção, o pesquisador abre mão de possíveis dogmas e concepções e considera o pensamento, a compreensão e a voz não somente do outro, mas de todas as vozes que permearam esses apontamentos.

Neste sentido, cabe ao pesquisador buscar a intencionalidade com cada pergunta para, por meio disto, alcançar espaços que realmente façam aflorar um discurso que permita evidenciar fatos e situações de uma dita realidade verossímil, que contemplem não somente a pesquisa, e sim, que proporcione o devido retorno ao espaço e aos pesquisados.

Recuperando a descrição das etapas que venho apresentando, como possíveis de tornar um procedimento alteritário e exotópico, logo após a finalização do roteiro da entrevista, foi a hora de colocar em prática a entrevista ou “momento da realização da entrevista”, o qual seguiu o tipo que melhor se ajustou aos objetivos tanto da entrevista quanto da pesquisa. Foi o momento da interação; de confrontar as histórias, de colocar em prática as perguntas do roteiro final.

E por fim, “o momento que se segue à entrevista”, período no qual o pesquisador decidiu os dados a serem utilizados, após examinar a transcrição do material e realizar a análise, podendo, neste momento, visitar tanto os objetivos da pesquisa quanto os apontamentos feitos durante a execução da entrevista e outros materiais que se fizerem necessários (referencial teórico etc).

Depois da descrição de todas essas etapas, resgato as perguntas do início desse capítulo, e pela minha experiência pessoal com a investigação realizada durante o meu mestrado, respondo que pode ser possível vislumbrar as noções bakhtinianas de alteridade e exotopia em relação ao procedimento metodológico de entrevista, visto que ele é parte integrante de construção da própria ação de investigar, para que possa a partir do ato de escutar, observar e registrar, expor suas preocupações e considerações, e contribuir para a construção das perguntas de um roteiro de entrevista que leve em consideração a visão do outro (do pesquisado), percebendo os novos entendimentos e apontamentos que possivelmente não surgiriam valendo-se de um olhar individualizado.

Em vista disso, volto a reafirmar que não é um questionamento sobre esse procedimento, é uma reflexão de uma parte que se refere a entrevista: “o momento da preparação da entrevista” (roteiro), que, ao meu ver, sustentando o que já foi dito, tem extrema importância e relevância na obtenção dos dados a serem analisados e na própria análise que decorre desse material. Essa observação do campo e dos sujeitos a serem investigados possibilita uma aproximação do material, o torna alteritário, constituindo, com isto, uma análise mais fidedigna e coerente da situação investigada. Esse tipo de abertura realizada durante o procedimento possibilita uma reformulação e um dinamismo frente às situações apresentadas e uma reflexão sobre o fazer do pesquisador.

Sendo assim, ao defender o enfoque que legítimo para a formulação das perguntas do roteiro de entrevista representa, acima de tudo, uma opção política que faço diante do perfil de pesquisador que pretendo construir e do modo como podemos lidar com a alteridade. A esse respeito, o conceito bakhtiniano de exotopia é revelador da dimensão ética da problemática da alteridade no que concerne à criação tanto teórica quanto metodológica: é preciso situar o olhar do outro e devolver-lhe um ponto de vista (o do pesquisador) sobre o referido olhar. Questão da ética em pesquisa, que pressupõe que não se anule a condição exotópica do entrevistador e do entrevistado, evitando-se confundir a ótica da pesquisa e a ótica do sujeito pesquisado, isto é, impedindo que venham a coincidir lugares que são essencialmente distintos e promovendo-se, pois, a alteridade

[...] entre o discurso do sujeito a ser analisado e conhecido e o discurso do pesquisador que pretende analisar e conhecer, uma vasta gama de significados conflituais e mesmo paradoxais vai emergir. Assumir esse caráter conflitual e problemático da pesquisa em Ciências Humanas implica renunciar a toda ilusão de transparência: tanto do discurso do outro quanto do seu próprio discurso. (AMORIM, 2003, p. 12).

8. O PROCEDIMENTO DE ENTREVISTA NA VISÃO DA EXPERIÊNCIA

Partindo desses princípios que pretendo desenvolver agora (...)

8.1 (...) a alteridade e a exotopia na pesquisa científica: uma experiência possível (...)

(...) já que, como venho aqui refletindo e instigando o meu pensamento e o de quem for entrar em contato com essa tese sobre como formular as perguntas do

roteiro da entrevista científica baseando-se nos princípios bakhtinianos de alteridade e exotopia, procuro, nesse momento, e isso não é uma justificativa e sim uma constatação, porque parte da minha experiência como pesquisador, trazer considerações sobre a experiência em relação à metodologia de pesquisa científica, para poder demonstrar que a minha escolha por desenvolver um trabalho de investigação que procurou mostrar que há uma possibilidade de um olhar não só sobre uma parte do método de entrevista (roteiro), e também, sobre como o pesquisador poder vislumbrar a relação com o pesquisado sobre outro prisma, partiu do que acredito que me movimentou e movimenta um pesquisador: essa inquietude, essa angústia, essa provocação, essa coragem que faz com que o pesquisador busque contribuir, de forma científica, para a resolução, para o propósito, para transformação de uma situação problematizadora, seja onde, como, ou para quem for. Mas para que isso fosse possível, eu precisei me proporcionar, isto é, o pesquisador precisa permitir-se experimentar, viver a experiência, abrir-se a possibilidades outras.

Portanto, para essa parte da tese, trago esse fragmento de um estudo que realizei, para área da educação, mas que se adequa para diversas áreas do conhecimento, sobre o experienciar, não com sentido de experimento, mas o de vivenciar uma experiência, no caso exercitar a pesquisa. Assim, como a ação de construir conhecimento, pesquisar pressupõe uma vontade clara e determinada por parte do pesquisador, com vistas a elucidar algo ou buscar solução para determinado problema. Ao se tratar da pesquisa com base científica, posso dizer que essa vontade não parte de uma demanda social externa ao sujeito, uma vez que não há um problema a priori para ser resolvido, mas sim de uma inquietude pessoal, como já mencionado, que pode ou não estar vinculada a questões sociais.

Neste sentido, posso considerar que a experiência da prática de pesquisa é passível de investigação e pode, em seus processos, conter elementos e caminhos que possibilitem tomá-la como índice plausível de criação de metodologia de pesquisa. Para isso, é necessário que estes elementos e caminhos se configurem como potencialidades investigativas e não somente como relatos de experiência.

A título de esclarecimento, tomo como base as referências bakhtinianas de alteridade e de exotopia, para definir duas modalidades na pesquisa: a pesquisa que parte do pesquisador para o pesquisado e a pesquisa que parte do pesquisado para o pesquisador. A pesquisa que parte do pesquisador para o pesquisado tem como

objeto uma ação em que o próprio pesquisador está atuando. Assim, o cuidado com o registro se complexifica, uma vez que há um hiato de tempo entre a observação e o registro, devendo este ser feito de várias maneiras: por meio de relatos escritos (folha de apontamentos), anotação de planejamento e memória das ações, por gravação e filmagem, enfim, todas as formas que possam ser disponibilizadas para que os dados possam ser levantados com confiabilidade.

A pesquisa que parte do pesquisado para o pesquisador, o objeto está posto e é sobre ele que o pesquisado vai se debruçar, analisando dados já levantados e buscando outros possíveis de levantamento. Como os processos de investigação e os métodos estão em constante fluxo, tudo o que já foi pensado e produzido pode ser (re)visitado, possibilitando novas criações e novas formas de pensamento. Pesquisar, por exemplo, uso de novos métodos tanto quanto o uso inusitado de processos tradicionalmente utilizados faz parte desse fluxo constante de produções científicas. Observo que tanto um como o outro têm presente o embasamento teórico já consolidado sobre o assunto da pesquisa e é a partir dele e do que é argumentado que são criadas novas teorias, ou propostas, que poderão embasar pesquisas futuras.

O importante é que se levem em consideração os aspectos de reflexão, de crítica, de contextualização etc., em argumentações e relações pertinentes, que colaborem com a construção de conhecimento na área. Também é preciso lembrar que as possibilidades metodológicas são muito vastas e possuem campos e modalidades que têm suas especificidades, podendo, ainda, sem que se possa prever o momento, surgir novas formas. Neste ponto, permitir-se vivenciar a experiência abre um espaço de ressignificação dos conceitos já considerados, possibilitando o surgimento possível de outros meios de investigação ou outras abordagens.

Considerando que a pesquisa científica tende a buscar paradigmas em outras áreas do conhecimento, identificar como a experiência contribui para os diversos campos de estudo pode ajudar a destrinchar como ela está ligada aos procedimentos metodológicos e de análise. Percebo que cada campo busca para si o ângulo ou faceta da experiência que mais lhe convém, da mesma forma que o pesquisador o faz.

Sem pretender abarcar as variadas possibilidades de conceituação acerca do que seja experiência, destaco alguns autores que, por aproximação, têm influenciado os estudos sobre o tema.

Loureiro (2015) traça considerações sobre pouca explicitação e discussão sobre o conceito de experiência na psicanálise, e cita vários autores que contribuem para que se veja o quão vasto é o campo de possibilidades de estudo e pesquisa sobre esse conceito. Como colaboração para a pesquisa, posso citar o registro das contribuições de Agamben (2005), Larrosa (2002) e Foucault (2001).

Segundo a autora, Agamben (2005) considera que a ciência moderna traz desconfiância sobre o conceito tradicional de experiência, aponta a falta de autoconsciência para que a experiência possa se concretizar e questiona se o que se passa na vida atualmente, no dia a dia das pessoas, pode ser chamado de experiência.

Ainda segundo a autora, Larrosa (2002) refere-se à ciência experimental e à procura de verdades objetivas, que considera serem externas ao homem. O autor também se refere à origem etimológica da palavra experiência, cujo radical também se refere a perigo e à travessia, entre outras palavras.

Loureiro (2015, p. 31) busca em Foucault (1996,2001) as relações entre experiência e subjetividade, considerando que ele traz a ideia de que “não é preciso tomar o sujeito¹³ como fundamento para pensar a experiência, sendo esta uma forma de arrancar o sujeito dele mesmo.” A autora destaca um ponto importante da teoria de Foucault, que é a dimensão coletiva da experiência, citando:

Uma experiência é alguma coisa que se faz sozinho, mas que só se pode fazer plenamente na medida em que ela escapar à pura subjetividade e que outros possam, não digo exatamente retomá-la, mas ao menos cruzá-la e atravessá-la (LOUREIRO, 2015, p. 31)

A teoria de John Dewey tem sido bastante estudada em diversas áreas do conhecimento, talvez porque ela seja mais próxima do que se pretende no que se

¹³ Sob a ótica da concepção de sujeito, segundo Foucault, o sujeito é uma forma, e essa forma nem sempre é, sobretudo, idêntica a si mesma. Você não tem consigo próprio o mesmo tipo de relações quando você se constitui como sujeito político que vai votar ou toma a palavra em uma assembleia, ou quando você busca realizar o seu desejo em uma relação sexual. Há, indubitavelmente, relações e interferências entre essas diferentes formas de sujeito; porém, não estamos na presença do mesmo tipo de sujeito. Em cada caso, se exercem, se estabelecem consigo mesmo formas de relação diferentes. (Foucault, 1984,2004b, p. 275)

refere à expansão da atividade de pesquisa. Para Dewey (2010,2011), experiência é a interação do organismo com o ambiente. Para a experiência humana, é necessária uma ação do sujeito que se relacione estreitamente com o ambiente social. Levando em conta que essa ação acarreta algo que ressignifica, pode-se “conceituar experiência como sendo a sedimentação corpórea da interação sujeito-ambiência que impulsiona novas ações.” (DEWEY, 2011, p. 54).

Para o autor, é a qualidade emocional satisfatória que proporciona afecção ao pensamento; mobiliza o pesquisador a refletir e reestabelece a sensação de integralidade, conferindo um sentido inteligente à vida. O estético está ligado ao modo estrito da experiência intelectual. Dewey considera que só existe experiência completa se ela for estética.

A experiência tem como propriedade a completude, que é o envolvimento total do pesquisador na ação e ele é capturado pelo desafio e imerge completamente na ação de investigar as possíveis respostas a ele. Na pesquisa que parte do pesquisado para o pesquisador, a completude se dá na imersão que acontece na atividade investigativa, quer seja como elaborador ou como participante, uma vez que a experiência acontece na elaboração e no aproveitamento do que é produzido na ação investigativa. O pesquisador envolve-se ativamente e criativamente, de forma a integralizar o eu e outro em um mesmo espaço / tempo em relação ao pesquisado (alteridade).

No processo de reconstrução e redirecionamento da experiência estão contidas a adaptação biológica e a possibilidade do indivíduo e da sociedade se aprimorarem diante das interações propiciadas pela sociedade. Portanto, posso conceituar experiência como sendo a sedimentação corpórea da interação eu / outro que impulsiona novas ações sensoriais, perceptivas, reflexivas e estéticas.

Para Dewey, o que determina a efetivação de uma experiência e a construção de conhecimento é uma tríade formada por processo, atividade e relação. Investigar exige o pensamento reflexivo e o resultado da investigação é o conhecimento. O conhecimento está sempre em movimento, pois os resultados de determinada etapa servem de objeto para novas indagações e investigações. Por isso, o conhecimento produzido ao término da pesquisa nunca é definitivo, é sempre o que se conseguiu até aquele momento, naquelas circunstâncias. É importante lembrar que o

conhecimento é construído quando são deixados de lado preconceitos que impedem o pesquisador de duvidar e de pensar criativamente.

O pensamento reflexivo consiste em examinar mentalmente o assunto e dar-lhe consideração séria e consecutiva. Envolve percepção, imaginação e pensamento. Há um julgamento e uma justificativa da conclusão a que se chega; se ela for pertinente, constrói-se o conhecimento. Pensar reflexivamente envolve formar juízos, deliberar; pensa-se de maneira reflexiva quando se utiliza a mente para examinar um assunto e dar a ele uma direção consequente. Investigação é o ato reflexivo de pensar (CUNHA, 2010).

Na teoria de Dewey, um ponto importante é o princípio da continuidade, que diz respeito à relação entre o particular e o geral, ou seja, mudanças de atitudes e hábitos pessoais implicam em aprimoramento da vida social. É um critério para distinguir as experiências que podem ser consideradas indutivas das intencionais. Cabe ao pesquisador escolher quais experiências são mais adequadas.

Para Dewey, problema é tudo aquilo, por simples e trivial que seja, que põe o espírito em perplexidade, desafiando-o a tal ponto que a crença se faz incerteza. É preciso utilizar as condições de espaço, de lugar, para dela extrair tudo o que possa contribuir para experiências saudáveis e válidas. A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com o que o cerca está envolvida no próprio processo de viver, sendo uma interação do externo com o interno. Na experiência investigativa acadêmica esse modo, além de pessoal, é específico e ela está relacionada à especificidade de seu material, ao fazer e ao fruir, sendo uma experiência exploratória porque consome o pesquisador em sua ação de pesquisar.

Experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não é o que passa, o que acontece e o que toca. Mais que isso: É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (LARROSA, 2002, p. 21).

O autor considera que cada vez é mais rara a experiência na vida das pessoas, pela falta de tempo, entre outros fatores, considerando que “a falta de silêncio e de memória são também inimigas mortais da experiência” (LARROSA, 2002, p. 23).

É interessante constatar o que ele registra,

[...] a palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-europeia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pera*, mais além; *peraô*, passar através, *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite. Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse *per* grego de travessia: a palavra *peiratês*, pirata. O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o *ex* de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o *ex* de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “*ex-iste*” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. Em alemão, experiência é *Erfahrung*, que contém o *fahren* de viajar. E do antigo alto-alemão *fara* também deriva *Gefahr*, perigo, e *gefährden*, pôr em perigo. Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo (LARROSA, 2002, p. 25 (grifos do autor)).

Dessa maneira, praticar o exercício da liberdade de pensar é o grande motivo para que se pesquise. Por isso, posso colocar em dúvida, criticar e contestar o senso comum, o bom senso, as teorias e as maneiras preconizadas pela maioria dos teóricos. Posso dizer que o avanço no conhecimento e os saltos significativos do saber estão ligados às rupturas metodológicas: o abandono e a mudança na utilização dos instrumentos, as novas definições de critérios para a identificação dos fenômenos, das técnicas inusitadas de análise dos dados, dos princípios de elaboração de métodos etc.

Os métodos podem ser da autoria do próprio pesquisador ou de outrem, mas a metodologia é criada e recriada por cada pesquisador, a cada proposta de investigação; é o caminho para se chegar aos objetivos da pesquisa. Este caminho pode ser variável e diferente para cada pesquisador e para cada pesquisa. O que se busca é o caminho mais adequado, ou seja, a metodologia mais adequada, que diz respeito ao sentido mais lógico, que releva o ponto de vista pessoal de quem o escolhe e o paradigma teórico em que o pesquisador está atuando.

O diálogo das premissas de uma teoria com as teorias de outros autores é essencial para a construção de novas formas de pensamento e de ação na pesquisa. Parte-se do princípio de que não há campo do conhecimento que domine sozinho o conhecimento abarcado sobre seu próprio campo, sendo necessário o diálogo com a essência desse campo e com o que possa ser abarcado nos outros campos. Os procedimentos de cada campo podem ser específicos, mas a metodologia criada para cada situação pode usar procedimentos variados.

O que vai ao encontro do que se tem até aqui sobre experiência: algo que permite algumas inferências em relação ao processo de pesquisa e a pesquisa. No procedimento de entrevista apreciado, tem-se a intensão de que o ser humano percebe, interpreta e interage com o mundo a partir de seu próprio corpo. Assim, tem-se que a experiência é uma ação corpórea, mesmo se for pensada na perspectiva da subjetivação motivada.

Por este ângulo, o procedimento de entrevista está ligado intrinsecamente à experiência, uma vez que trabalha com emoção e razão, que são processos vitais profundamente imbricados. Levando em conta que essa atividade se realiza em um contexto teórico e histórico, no qual a definição do objeto e a identificação do problema da pesquisa têm que ser inseridos, posso dizer que o grau de autoconsciência do pesquisador em relação à sua experiência, determina o grau de elaboração não só da pesquisa como do procedimento metodológico a ser utilizado.

Em termos de metodologia de pesquisa, a hipótese é lançada à medida que o objeto da pesquisa é definido e elaborado, concomitantemente a seus registros. Como as expectativas estão mais relacionadas com o processo de trabalho do que com a teoria que o fundamenta, o procedimento de análise relaciona-se com o pensamento reflexivo e o procedimento metodológico relaciona-se a esse pensamento.

Isto também está relacionado com o que Larrosa (2002) denomina “ciência experimental”, que não busca a verdade estanque e universal, mas a verdade possível naquele trabalho, naquela pesquisa. Essa “verdade” é a solução para o problema de pesquisa proposto, e é devolvida à sociedade sob a forma de objetos em suas variadas formas: gestuais, conceituais, virtuais etc.

Sendo assim, mesmo parecendo que tudo o que foi explanado aqui nesse capítulo, não possui uma ligação direta com o que pretendi desenvolver com essa

tese, meu intuito foi de demonstrar que qualquer procedimento metodológico, ou melhor, parte de um procedimento, como no meu caso, pode ser formulado desde que o pesquisador se propicie a experiência, que viabilize possibilidades diversas. É o pesquisador quem cria seu próprio problema ou ponto de conflito, para que ele possa investigar e tentar uma solução que considere adequada aos seus propósitos. Essa adequação não é universal nem atemporal; reveste-se, antes, de cunho confidente a ser publicizada e colocada à prova. É o pesquisador quem cria os pressupostos, o referencial teórico com os quais dialoga, as estratégias e rotas de fuga elaborando, assim, sua teoria e seu teor investigativo. Talvez se eu não tivesse me permitido viver essa experiência de formulação sobre o roteiro da entrevista, provavelmente eu estaria reproduzindo-o tal como está posto nos livros e estudos sobre procedimentos metodológicos de pesquisa científica.

20. POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES

Sobre os entendimentos que tenho sobre essa tese no que refere a reflexão proposta: partindo das noções bakhtinianas de alteridade e exotopia para defender a proposição de que, na formulação das perguntas do roteiro do procedimento metodológico de entrevista, a consideração e o contato prévios com o contexto específico dos pesquisados (entrevistados) permite que o pesquisador (entrevistador), ao elaborar as perguntas do roteiro, reduza significativamente o direcionamento do discurso respondente dos pesquisados (entrevistados), respeitando devidamente seu estatuto de sujeitos, e não apenas de objetos de pesquisa.

É possível formular parte de um procedimento metodológico que vise o lugar ou a instituição colaboradora, a situação problematizada, o dizer do pesquisado sem que isso fragilize ou interfira como algo danoso para a investigação. Considerar o outro e não somente a si mesmo, não é só um exercício alteritário e exotópico, é um exercício de empatia, de consideração com o contexto que se apresenta.

A concepção dialógica alteritária percebe o outro na singularidade, pela perspectiva da exotopia. Ver o outro e permitir-se reconhecer no outro, respeitando a diferença que existe entre o eu e o outro, e também a semelhança que é peculiar a ambos por serem seres negociadores e negociantes quanto aos contratos enunciativos estabelecidos, no qual o sentido configura-se nas diferenças e na entoação que se presume ser a responsividade ativa.

A questão da possibilidade de indução por parte do pesquisador, não se configura como algo pejorativo. Dizer que o pesquisador (entrevistador) pode tentar induzir uma reação específica por parte do pesquisado (entrevistado), é o mesmo que dizer que, isso é intrínseco em se tratando da relação locutor/interlocutor. Mas acredito nunca ser indução no sentido proposital, pretencioso. É tentar fazer com que o pesquisado aceite o que se propõe ou, no caso, responda o que se quer saber. Não é algo tendencioso ou totalmente presumido e sim, algo que faz parte desse jogo enunciativo, não só entre pesquisador e pesquisado, mas entre os indivíduos, acordo esse inerente as relações discursivas que se estabelecem. A utilização das concepções bakhtinianas de alteridade e exotopia, por meio das intencionalidades, podem atenuar o modo como essa indução se apresenta na relação pesquisador (entrevistador) / pesquisado (entrevistado).

Sempre em função do objetivo da pesquisa e das exigências de sua verificação, o pesquisador pode também tentar diminuir o caráter estruturado da entrevista e torná-la menos rígida em se tratando da estrutura e aplicabilidade. Sobre esse prisma, torna-se importante observar a entrevista, na qual se pode estabelecer procedimentos de formulação das perguntas sem impor opções de respostas ao pesquisado (entoação avaliativa). Dessa maneira, o pesquisador, possivelmente, minimizará a interferência, lembrando que não há condição de neutralidade nesse sentido e, principalmente pelo fato de que, deixando o pesquisado construir uma resposta (responsividade ativa), o pesquisador obterá um retorno carregado de circunstâncias enunciativas do que realmente o pesquisado pensa e se certifica.

A entrevista utilizada como procedimento metodológico de pesquisa científica é um prática sensível, que coordena ações e emoções; é um modo de pensar, chegar a criações inusitadas e estéticas, propor novas formas de ver o mundo e apresentá-lo com registros diferenciados. É uma construção humana que envolve relações com os contextos cultural, socioeconômico, histórico e político. É a experiência dos indivíduos que se constitui no outro e pelo outro. A entrevista, nessa lógica, pode desarticular identidades estáveis do passado, mas também pode abrir a possibilidade de novas articulações: a criação de novas identidades e a produção de novos atores. Permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo pesquisada. É construída ao mesmo tempo em que se desenvolve. Deve ser (re)pensada ao mesmo tempo em que é elaborada.

Ao constituir um procedimento teórico com critérios de credibilidade, análise conceitual, análise crítica e análise inferencial, o pesquisador constrói o alicerce para novas propostas de pesquisa a partir do seu registro, desafiando novos pensamentos e novas maneiras de investigação. Pesquisar é também um momento de criação e de recriação. Portanto, toda ação praticada numa experiência modifica quem a pratica e quem a sofre.

Talvez aquilo de que se precisa atualmente seja a emergência de novas concepções metodológicas que arrisquem desafiar o que está posto e busquem o inusitado não pelo prazer de fazer algo diferente, mas pelo risco de entender o procedimento metodológico, no caso a entrevista, como algo imbuído de construção de conhecimentos e sentidos. Se a emergência se constitui de níveis de pensamento de complexidade crescente e se suas propriedades não podem ser antecipadas pelos elementos dos níveis inferiores e suas interações (LESTIENNE, 2013, p. 20/21), “há que se buscar abordagens de pesquisa que considerem essa complexidade” e que reconheçam os procedimentos como possíveis metodologias alteritárias e exotópicas.

21. REFERENCIAL

AGAMBEN. Giorgio. **Infância e história**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

AMORIM, Marília. **Cronotopo e exotopia**. In: Bakhtin: outros conceitos-chave. Beth Brait (org.). 2º ed. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. **A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica**. In FREITAS, Maria Teresa; JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sônia (orgs.). Ciências Humanas e Pesquisa – leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003, p.11-25.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski (1929)**. 2. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **O discurso no romance (1934-1935)**. In: Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. Trad. Bernadini et al. 4º ed. São Paulo: Unesp, 1998.

_____. **Os gêneros do discurso (1952-1953)**. In: Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994. p. 48-52.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRAIT, Elisabeth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez. 1995.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Trad. de Adail Sobral. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CUNHA, Marcus Vinicius da. **Uma filosofia da experiência**. In: Revista Educação: História da Pedagogia – John Dewey, São Paulo: Segmento, 2010, p.20-31.

DAHER, Maria Del Camen. **Quando informar é gerenciar conflitos: a entrevista como estratégia metodológica**. The ESPecialist, v. 19, no especial, 1998, São Paulo: Educ, p.287-303.

DAHER, Maria Del Carmen; ROCHA, Décio; SANT'ANNA, Vera Lúcia. **A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva**. Artigo nº. 08. Cuiabá: EdUFMT, 2004, p.161-180.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução Vera Ribeiro – São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Experiência e educação**. 2 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

ESCLARÍN, Antônio Pérez. **Educar para humanizar**. São Paulo: Paulinas, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Paraná: Criar Edições, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Ditos e escritos**. Tradução de Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, v. III (Estética: literatura e pintura, música e cinema), 2001.

_____. (2004b). **A ética do cuidado de si como prática da liberdade**. In M. B. Motta (Org.), *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política* (E. Monteiro, I. A. D. Barbosa, trad., p.264-287). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1984)

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5º ed. São Paulo: Atlas, p.206, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar - como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1997.

GUSMÃO, Luís de. **A Crítica da Epistemologia na Sociologia do Conhecimento**. Revista Sociedade e Estado - Volume 26 Número 1 Janeiro/Abril 2011.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1º. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1998.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1994.

_____. **Técnicas de pesquisa**. 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. 12 reimp da 1 ed, (1988), São Paulo: Brasiliense, 2000.

LESTIENNE, Rémy. **Emergência, um novo paradigma indispensável para as ciências e a filosofia?** Ciência & Cultura - Revista da SBPC, out/nov/dez 2013, n.4, ano 65, p.20-21.

LOUREIRO, Inês. **Em busca de uma noção de experiência.** Ciência & Cultura - Revista da SBPC, jan/fev/mar 2015, n.1, ano 67, p. 28-32.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986, p. 99.

MAINGUENEAU, Dominique. (2000). **Análise de textos de comunicação.** 6º ed. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2011.

MARGUTTI, Paulo. **Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos.** Direção de João Branquinho, Desidério Murcho e Nelson Gonçalves Gomes São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MANZINI, Eduardo José. **A entrevista na pesquisa social.** São Paulo: Didática, v. 26/27, p.149-158, 1990/1991.

_____. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada.** In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Org.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: Eduel, 2003, p.11-25.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã – 1º Capítulo: seguido das teses sobre Feuerbach, Karl Marx e Friedrich Engels.** São Paulo: Centauro, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de S. (org.) **Pesquisa social.** 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOURA, Maria Lucia Seidl de; FERREIRA, Maria Cristina; PAINE, Patrícia Ann. **Manual de elaboração de projetos de pesquisa.** Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

PÁDUA, Elisabete M. M. de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico prática.** 6º ed. Campinas: Papyrus, 2000.

PEYTARD, Jean; MOIRAND, Sophie. **Discours et enseignement du français: les lieux d'une rencontre.** Paris: Hachette, 1992.

PINHEIRO, Odette de Godoy. **Entrevista: uma prática discursiva**. In: SPINK, M. J. (org.) Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2000, p.183-214.

POPPER, Karl R. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: EDUSP, 1985.

ROCHA, Décio. **A opção por um espaço discursivo de análise: questões metodológicas**. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida L.; GAVAZZI, Sigrid. Texto e discurso: mídia, literatura e ensino. 1º ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

RODRIGUES, José. **A Educação Politécnica no Brasil**. Niterói: EdUFF, 1998.

SELLTIZ, Claire et alii. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. Tradução de Maria Martha Hubner de Oliveira. 2ª edição. São Paulo: EPU, 1987.

SOBRAL, Adail. **Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase “parasitária” de uma vertente do gênero de auto-ajuda**. Tese de Doutorado. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

_____. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. **Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD**. Domínios de Linguagem, Uberlândia, vol. 10 n.3. jul./set. 2016. p.1076-1094.

SZYMANSKI, Heloisa (org.) **A entrevista na pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano, 2002, p.86.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. (2013b). **A palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica**. In: VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. A construção da enunciação e outros enunciados. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi. Edição e supervisão da tradução: Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João editores. (Trabalho original publicado em 1926).

WARSCHAUER, Cecília. **A Roda e o Registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

_____. **Rodas em Rede – oportunidades formativas na escola e fora dela**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

Páginas da web:

GOOGLE Acadêmico – (busca). Acessado em fev. 2021.

CAPES – Portal de Periódicos – (busca). Acessado em fev. 2021.

LARROSA BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, 2002, p. 20-28. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782002000100003&lng=en&nrm=iso Acessado em: 21/03/2019.